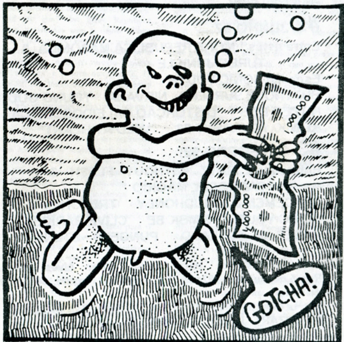
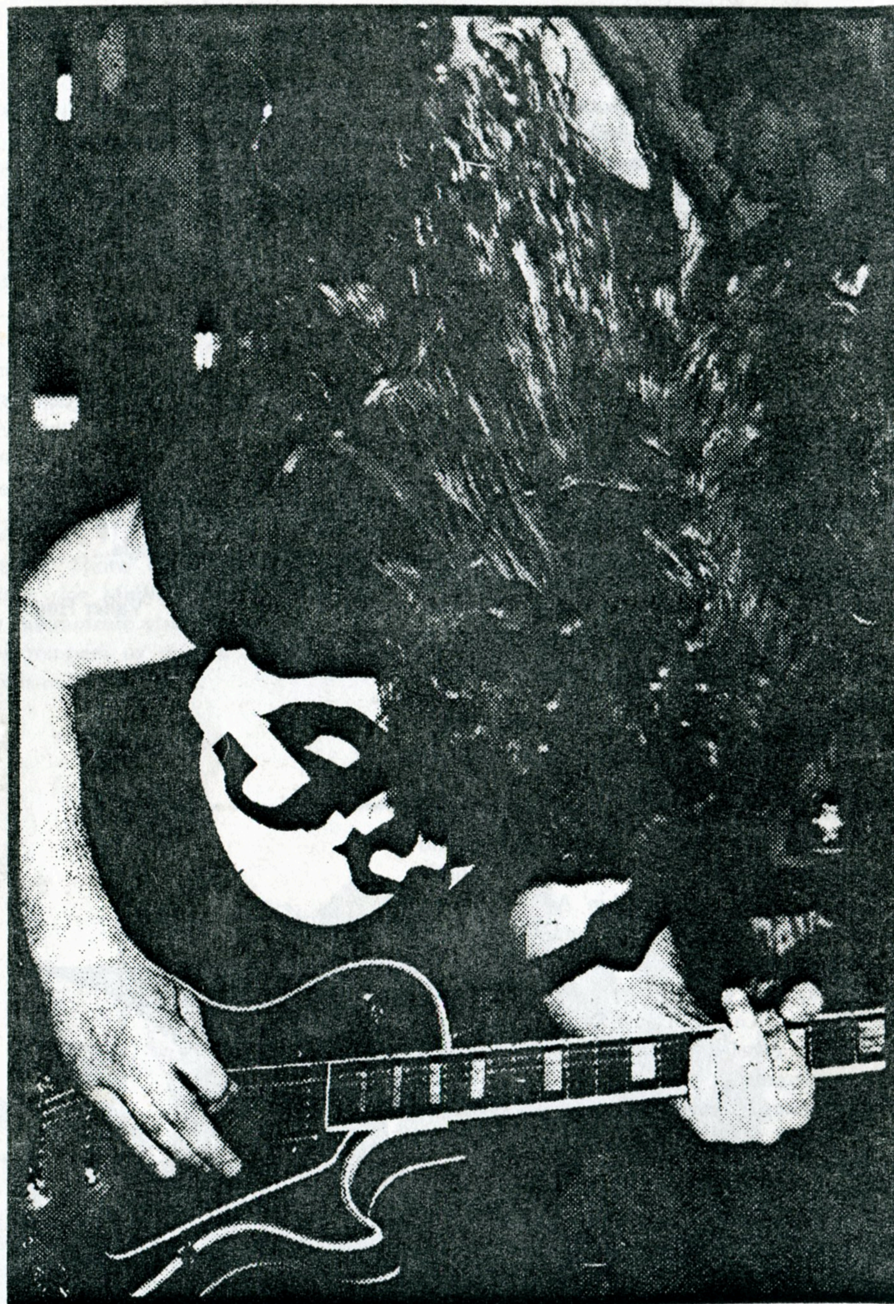
Kill Yr. Idols

#3 set / 92 2008

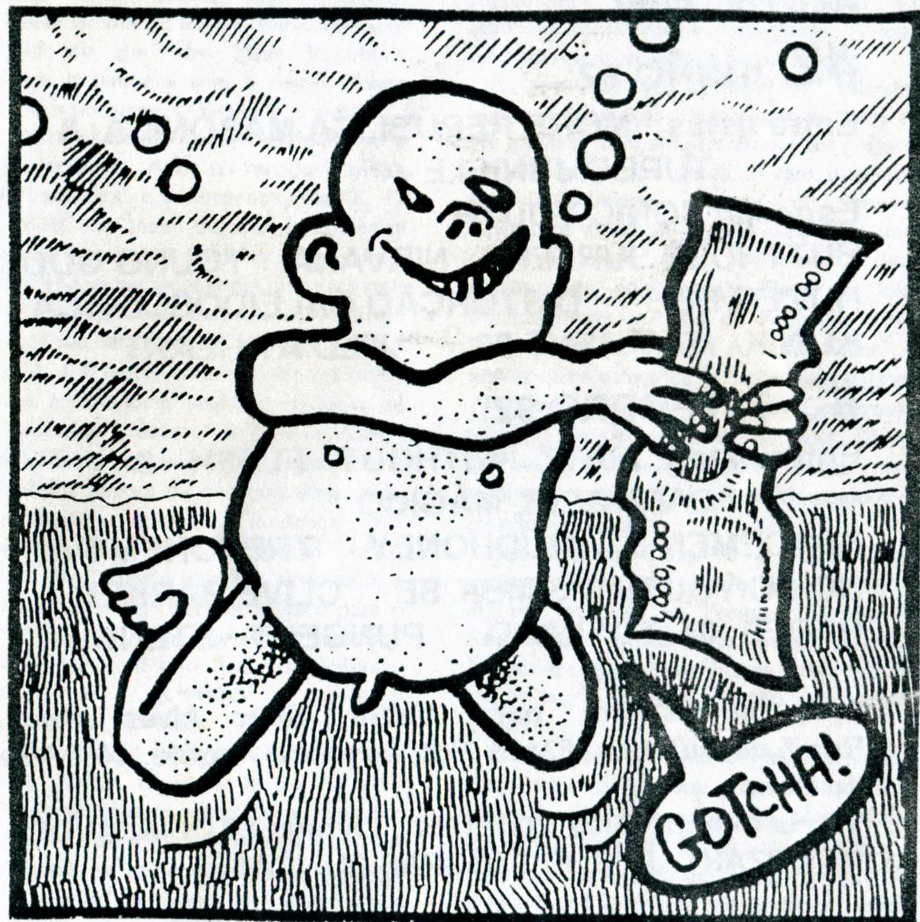


Entrevistas: Batz Without Flesh Carrocel Magic Spacemen 3 Mudhoney Babes in Toyland Clive Barker Sonic Youth Treponem Pal Pungent Stench Dead Can Dance Simbiose



Kill Yr. Idols

#3 set / 92 2008



Entrevistas: Batz Without Flesh Carrocel Magic Spacemen 3 Mudhoney Babes in Toyland Clive Barker Sonic Youth Treponem Pal Pungent Stench Dead Can Dance Simbiose

KILL YR. IDOLS

#1 MARÇO 92:

Entrevista: OSSO EXÓTICO
Especial MY BLOODY VALENTINE
VELVET UNDERGROUND PIXIES YOUNG GODS
TEENAGE FANCLUB THE END POP DELL'ARTE
BARTON FINK

#2 JUNHO 92:

Entrevistas: MORE REPÚBLICA MASÓNICA & TURBO JUNK.I.E
Especial SONIC YOUTH
BUTTHOLE SURFERS NIRVANA YOUNG GODS
NITZER EBB DISTORÇÃO CALEIDOSCÓPICA
KLINIK CURRENT 93 "WILD AT HEART"

#3 SETEMBRO 92:

Entrevistas: BATZ WITHOUT FLESH & CARROCEL MÁGICO
SPACEMEN 3 MUDHONEY TREPONEM PAL
SONIC YOUTH SIMBIOSE CLIVE BARKER
BABES IN TOYLAND PUNGENT STENCH

300$ (portes inc) para Valter Hugo Alves Lemos, Rua 5 de Outubro nº2455 2ºdt, Lugar de Regufe, 4480 Vila do Conde.
Venda directa, 200$: TUBITEK, Livraria UTOPIA, AUDEO, Mr.MOZART, JO'S JO'S, OBRAS PÚLICAS.

Colaboraram neste nº : Leandro Covas, António Covas, Mutante Noé (Colectivo Crack), Miguel Crespo (Nuclear Mosh).

carrocel mágico

Por mais interessantes que as bandas portuguesas possam ser em palco, quando gravam tornam-se enfadonhas, afastando qualquer vontade nossa de ouvir o registo repetidas vezes. Houve uma excepção recentemente com os temas "Wild America" e "Hold my gun" dos More República Masónica e também com a demo "Silent Songs" dos portuenses Genocide; e mais?

Os Carrocel Mágico vêm candidatar-se a ser uma resposta. Após ter ouvido "Linda's Phone Fantasies" e a nova maqueta "E. E. Kemper III" não tenho dúvidas de que estes barreirenses estão no caminho certo para o sucesso, não só nacional como internacional.

Primeiro surgiu uma maqueta com o título "Correct Line, Hot, Ready, Waiting..." com 5 temas, 3 dos quais viriam a ser incluídos também na maqueta seguinte, ficando de lado "Intestino Eléctrico" e "Correct Line". "Linda's Phone Fantasies" surgiu para cobrir a deficiência sonora da primeira demo, não tendo havido qualquer mudança nas inclinações da banda. "Special Cócó Chicken Hate" abre o trabalho, denotando a entrada directa dos Carrocel Mágico para o pequeno rol de bons fazedores de rock nacionais. Um som sujo, despreconceituoso, pejado de palavrões cabeludos dementemente gritados. Fabuloso. As influências são as melhores: Sonic Youth, Butthole Surfers, Dinosaur Jr, etc. O facto de esta demo ter uma produção mínima faz com que por vezes a distorção seja maior do que à partida se pretendia, mas isso chega, até, a ser uma vantagem. O primeiro tema faz das guitarras excelentes instrumentos de tortura, maravilhosas com o volume no máximo. A voz, após deambular perversa, enlouquece completamente, torna-se incontrolável.

"La Frontera" é o melhor tema desta maqueta, bate mesmo o record. Os ingredientes são os mesmos mais um feedback optimamente conseguido. A letra exceptua-se ao inglês e é espanhola.

A nova "E. E. Kemper III" introduz algumas diferenças. Desde logo, ao invés de ser gravada num simples ensaio foi gravada em estúdio e com ajuda, o que melhorou consideravelmente o som da mesma. Aparece a utilização de um excerto de uma conversa entre Ottis e Henry, duas personagens do (bestial) filme de John McNaughton, vencedor do Fantasporto 91, "Henry, The Portrait Of A Serial Killer". É na voz que a diferença se torna mais notável. Abandona a posição grito, berro, esperneio, optando por algo próximo ao cantar. Torna-se mais facilmente aceite, talvez mais comercial, mas sem dúvida continuando com a mesma eficácia.

"Fat Looking Crazy" é o melhor desta demo e mesmo uma das melhores rockadas alguma vez feita em Portugal. O som de Seattle foi interiorizado pelos Carrocel Mágico e seguido com imensa destreza (não existe cópia, apenas criação no mesmo estilo).

O meu conselho é que se apressem a pedir esta preciosidade para: Miguel Silva, Rua Bento da Silva Fernandes nº17, 1º esq, 2830 Barreiro. Para a banda o conselho é enviarem uma cópia de "E. E. Kemper III" para a Sub Pop e ficar calmamente à espera do contrato (estou a falar a sério).

carrocel mágico

Formação da banda : Miguel L. , Luis Bentes, C. C. , Rui Fradinho e António Caracol.

"Correct Line, Hot, Ready, Waiting..." 1990 : "Intestino Eléctrico", "La Frontera", "Highway Superstar", "Correct Line" e "Bye Bye Califórnia".

"Linda's Phone Fantasies" 1991 : "Special Cócó Chicken Hate", "Bye Bye Califórnia", "Highway Superstar", "La Frontera" e "Said Pubsy to Frump".

"E. E. Kemper III" 1992 : "Rocky XX - Space Shuffle", "Fat Looking Crazy", "Dan", "Kiss Lick Dick" e "Drunkstore".

Valter Hugo

The Interview

KYI: Façam um pequeno historial da banda.

CM: Somos os Carrocel Mágico. Começamos a nos reunir há cerca de 2 anos no Barreiro com o objectivo de fazer algum ruído que nos estimulasse e divertisse. Pelos vistos gostamos e continuamos.

KYI: Esta vossa maqueta está com um som consideravelmente superior ao das anteriores. Trabalharam com algum produtor? Que estúdio usaram?

CM: A maqueta foi gravada num estúdio de Sacavém, e contou com a preciosa ajuda do Zé Tó. Dada a nossa virgindade em matéria de gravações e estúdio, conseguimos com a sua ajuda um som perto daquilo que à partida tínhamos idealizado.

KYI: Notam-se grandes influências do novo rock norte-americano. O vosso trabalho está voltado para o exterior?

CM: As influências que referes são maioritariamente correctas, é o que nós ouvimos no dia a dia. Quanto à hipótese se sair de Portugal, é sem dúvida um dos nossos objectivos, pois achamos que existem muito mais hipóteses de lançamento (a todos os níveis) no estrangeiro do que em Portugal, onde tudo se encontra reunido à volta de um certo núcleo de dinossauros que não facilitam a evolução de novas bandas, muitas vezes com melhores ideias, ajudando apenas o seu circuito de amigos.

KYI: Apesar da qualidade do vosso trabalho, o vosso nome é muito pouco divulgado. O que se passa? Porque não gravam um clip para o 'Popoff' e não aparecem no 'Blitz'?

CM: É difícil ainda penetrar no circuito de concertos, em parte devido à falta de apoios. As coisas por cá ainda evoluem muito lentamente e as bandas novas encontram grandes dificuldades em sair do anonimato. Temos praticamente actuado só no Barreiro, com a excepção do concerto no Johnny Guitar em janeiro deste ano. Inclusivé neste concerto tivemos problemas, que vão desde termos usado posters pornográficos em palco até á proibição da entrada de pessoas que nos queriam ver, por serem consideradas desordeiras. Mesmo no Barreiro já limitaram a diversão do público dos nossos concertos, em que já tivemos forte segurança em frente ao palco e até problemas no pagamento do 'cachet', etc.

Temos necessidade de divulgar a nossa música noutros lados por isso mesmo, e também para sermos levados a outro tipo de público e situações.

Quanto à possibilidade de um clip, é uma hipótese que está em aberto, esperemos que se concretize lá mais para o fim do verão, visto que há já várias pessoas ligadas ao meio que se mostraram interessadas.

KYI: Vocês estão à procura de contrato com alguma editora? Sentem-se preparados para lançar um álbum?

CM: Um contrato com uma editora seria formidável e a partir de agora iremos procurá-lo com mais intensidade. A edição vinílica seria dos passos mais positivos para nós actualmente, embora os concertos representem uma forma entusiástica de mostrar a nossa música.

KYI: Como vai isso de concertos? Se fizessem uma maratona rock com que bandas gostariam de tocar?

CM: Como já dissemos, temos dificuldades que procuramos ultrapassar, e temos coisas à vista a curto prazo. Agora com a maqueta temos mais possibilidades, já que as reacções têm sido bastante positivas.

Era óptimo fazer uma maratona rock Gostávamos de tocar com os portugueses W.C. Noise, e de estrangeiros os White Zombies, Corrosion of Conformity e Tad.

KYI: De que falam as vossas letras?

CM: As letras dos temas incluidos na maqueta não foram feitas com intenção de focar qaulquer assunto em especial. Elas foram escritas pelo Luís (vocalista) e a do tema "Fat Looking Crazy" pelo Pinha (guitarrista) e falam de fuck, lick, dope, crack, ride, kiss, baby, speed, coke, muff, sick, kill, pussy, blood, shit, mosh, booze, sly stallone, gun, guitar, crazy people, serial killers, etc..

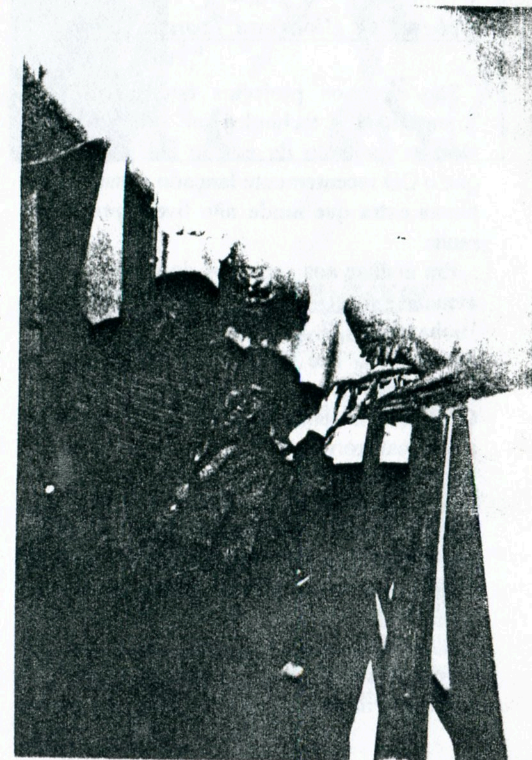
"Wake up one morning still a boy / when I went to bed that night I was just a sex toy / my mamma said / did you do something wrong / no mom, but the cops still want to hang me on / I have a little spanish friend / he sells dope everywhere / but he's my friend / his name... Dan" (Dan)

KYI: Como é que os Carrocel Mágico se situam na cena indie portuguesa?

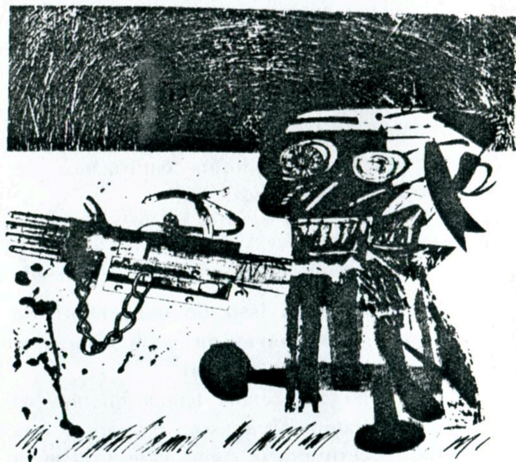
CM: Se existem correntes ou bandas que se incluem dentro de determinado género na cena indie, não conseguimos ver nada com que nos possamos identificar, mesmo que haja influências em comum com mais alguém.

KYI: Mensagem final.

CM: And this is just the beginnning, just make some fuckin' noise.



A Nova Simbiose



Baseada na música electrónica e nas suas variadas formas (electronic body music, techno industrial e techno), a Messerchmitt súrge em 91 como um catálogo de distribuição e venda postal de material fonográfico e audiovisual.

A Messerchmitt criou recentemente a editora discográfica Simbiose Records, que já se integrou no mercado internacional com as suas duas primeiras edições, nomeadamente "Cybernetic Biodread Transmission" e Mentallo & The Fixer - "No Rest For the Wicked". São estes os projectos de que vos irei falar em seguida.

Cybernetic Biodread Transmission

São nove os projectos que fazem esta 'international technological compilation'. Note-se que falo da edição em vinil, visto que o CD recentemente lançado possui cinco temas extra que ainda não tive o prazer de ouvir.

Em análise aos projectos da Cybernetic, a atenção recai inevitavelmente sobre os Biohazard/PCB, Trumpets & Drums e Mentallo & The Fixer. Os Biohazard/PCB, vindos dos EUA, surgem com "Fall from Grace", um tema ultra dançável, que se insere categoricamente na onda da electonic body music, evidenciando por exemplo a estagnação do monumento Front 242, que junto destes tipos se tornam irremediavelmente boçais. O projecto Mentallo & The Fixer, nomeadamente o seu mentor Garry Dassing, apresenta uma nova faceta do chamado som techno-industrial, impondo-se como um digno sucessor dos conceitos musicais que os Skinny Puppy têm vindo a defender. "Brutal Rupture" é a faixa representativa deste projecto e uma das melhores da compilação. Outro destacável são merecidamente os polacos Trumpets & Drums, com o tema "Gutter". Bem ao jeito de bandas do leste europeu, aliam uma vocalização muito à la Laibach com pretensões sinfónicas; contudo, não parecem querer ficar à sombra dos autores de "Baptism", e provam-no desta feita com uma excelente participação.

Continuando nesta sequela de projectos desconhecidos podemos encontrar uns suecos Borley Rectory com "Drowning", mostram-se bastante razoáveis. A concluir a colectânea estão os Advanced Art, que são, imaginem, oriundos da Finlândia. O seu tema "Twisted" é o mais fraco da Cybernetic e pessoalmente fazem-me lembrar os à;Grumh... .

Redundantes estão os projectos mais consagrados inseridos nesta colectânea, que são os Numb (Canadá), Lassigue Bendthaus (Alemanha) e Dive (Bélgica).

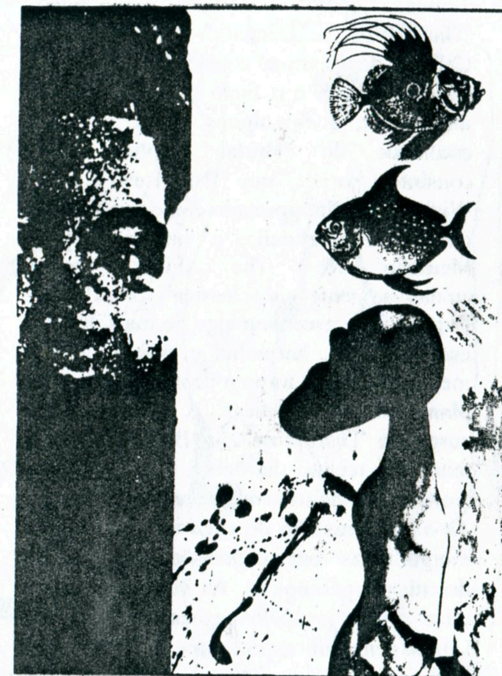
Aos Numb e à sua "Curse" não devem ser atribuidas melhoras no diagnóstico, visto que a qualidade das composições mantém-se inalterável. Os Lassigue Bendthaus informam que não estão a aproveitar da melhor forma a herança dos Kraftwerk, e que são uma cópia menos perfeita dos magníficos Clock DVA. O tema "Information" deveria estar registado como "Useless Information", se é que entendem a coisa. Dive, a actual aposta do Kliniko Dirk Ivens, é nada mais nada menos que 'pardon my french, une grand merde'. "Eye of the Past" é um temazito francamente medíocre.

A tentativa por parte de Ivens de recriar ambientes outrora construídos pelo saudoso fantasma The Klinik está aqui longe de se tornar bem sucedida. Os resultados são desastrosos. Salva-se, porém, a tenebrosa vocalização de Dirk.

'Last but not Least', chega a vez do projecto representante de Portugal na Cybernetic, os Ik Mux. Os Mux reflectem um pouco a diferença em termos, não diria de qualidade, mas de maturidade e tradição, que em Portugal não existe na expressão electrónica. Neste aspecto, algo deve mudar para melhor, evidentemente. "Entre Lagousie e Garbo" insere-se na onda electro-pop, longe da violência ou da complexidade sonora que a maioria dos projectos da colectânea nos proporciona. Os Mux exibem um tema inteligentemente bem conseguido, embora aqueles samplers do filme "Predator" sejam pirosos ao ponto de causar alergia. Juntamente com os Biohazard/PCB são o oxigénio mais puro que nos é permitido respirar nesta compilação da Simbiose Records.

Resta acrescentar que esta transmissão cibernética resulta na maior das perfeições. Iniciativas como esta são sempre bem vindas e louváveis.

Para quem ainda não adquiriu esta 'coisa biodread', shame on you! Corre a fazê-lo, pois nunca é tarde demais.



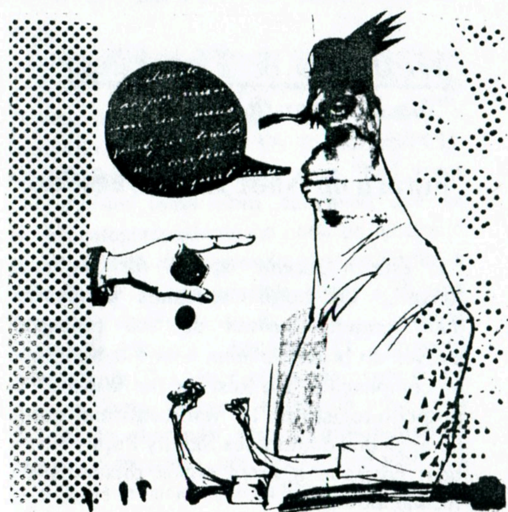
Mentallo & The Fixer

"No Rest for the Wicked"

Futuro ou Não? Eis a Questão.

É esta a recente aposta da Simbiose Records. Os norte-americanos já tinham dado grandes provas do seu potencial através do brilhante tema com que surgiram na compilação. "No Rest for the Wicked", o primeiro registo em LP vem confirmar que a herança dos doutorados Skinny Puppy ficará bem entregue a estes novos ditadores do techno industrial.

A audição de "No Rest for the Wicked" poderá resultar numa pequena desilusão para quem ouviu "Brutal Rupture", apenas disponível na Biodread Transmission. Temas como "Critical Wounded", "Disrupture", "Telepath" ou "Narcotik Calling" destacam-se consideravelmente dos restantes. Pena é o facto de nenhum deles ultrapassar, e em alguns casos, igualar a qualidade de "Brutal Rupture". Não consinto, porém, que "No Rest for the Wicked" seja interpretado como um trabalho isento de qualidade e interesse. Estes Mentallo & The Fixer pegam cuidadosamente na clássica fórmula dos Puppies e acrescentam algo de mais insólito, isto é, beleza, harmonia e articulação nas melodias, que se tornan desta maneira mais planantes e magnéticas. A secção rítmica surge em "Disrupture" ou "Breeder" bem ao jeito do techno hardcore. Os ambientes (re)criados não transmitem nada de invulgar. As atmosferas são de carisma apocalíptico, mergulhadas em expressões electrónicas doentias e paranóicas. As vocalizações são ultra violadas pelo excessivo teor de samplagens, um aspecto que é de lamentar, visto que os textos se tornam irremediavelmente indecifráveis.



O universo frio e desumano da tecnologia teima em persistir. O projecto Mentallo & The Fixer prevê o seu futuro nesse mesmo universo, contribuindo para que ele se institua definitivamente. Quem somos nós para o impedir.

* Para os interessados numa futura aquisição destes projectos, contactem a Messerchmitt através do apartado que se encontra algures neste fanzine.

António Covas.

PASSA POR CIMA.
Pi Pi
NICK e NACK 2
E TU PARECES O CÚ DUM BOI.
SEU FILHO DA PUTA. O TEU PAI É PANELEIRO. A TUA AVÓ DROGA-SE. O TEU AVÔ É BÊBEDO...
MASSADINHO
AH AH AH AH AH
ACHO QUE ESTÁS COM ALUCINAÇÕES!
PANELEIRO.
PUNCH
NICK, VISTE O QUE AQUELE FDP NOS FEZ AO CARRO? QUE TENS?
AGORA ESTOU TÃO FEIO!
ACHO MESMO QUE ESTÁS COM ALUCINAÇÕES!
FIQUEI PRETO! CAIU-ME O ÓLEO TODO EM CIMA.
PARECES O CAMÕES.
TOMA LÁ AS ALUCINAÇÕES!
UASH
CHUPA-MOS
FIM
VALTER HUGO 92

TREPONEM PAL

Fogo e Gelo

Os Treponem Pal formaram-se em meados da década de 80, começaram por ser mais uma banda no panorama inconstante do *Hardcore* francês, mas cedo o seu som absorveu outras influências, entre elas a da música *Industrial*.

Corria o ano de 1987 e o 1º álbum dos suiços Young Gods agita os conceitos da música, mercê da técnica das samplagens e da electrónica, e mais uma vez surge a pergunta: "A música *Rock* vai acabar?". Os Treponem Pal dizem-nos que não, e com os instrumentos tradicionais do *Rock* procuram criar ambiências industriais. Com uma carteira de concertos bem cheia começam a ser descobertos, não no seu país, mas na Bélgica e Holanda. Participam em diversas compilações, mas será pela editora Roadrunner que se tornam conhecidos e apreciados no circuito *underground* europeu, em 1989, ao verem editado um LP homónimo.

"Treponem Pal", o álbum de estréia, é um *crossover* atordoante de *Hardcore Industrial*. O disco é produzido por Franz Treichler e Cezare Pizzi e gravado e misturado entre Paris, Genebra e Zurique. No seu som, muito apurado no estúdio, destacam-se a voz magoada de Marco Neves (as vocalizações são em inglês, e aqui talvez os únicos pontos negativos: a pronúncia afrancesada e as traduções dos textos, que resultam um pouco primários), as guitarras ásperas de Michel Bassin e Laurent B; o sempre presente baixo ondulante de Ferguson, a precisa e quase electrónica bateria de David Le Brun; e as paragens com efeitos inspirados nos samplers dos Young Gods.

As letras falam-nos das obsessões do mundo moderno. O nome da banda é o diminutivo da designação científica para o vírus da Sífilis, e o sexo transborda - doentio - em temas como "Soft Mouth Vagina" e "In-Out". As nuances *noise* de temas como "Embodient of Frustration" e "Black Box" criam um som, embora original, de aproximação aos Godflesh, antecipando a recente invasão do *Grunge* no circuito *underground*.

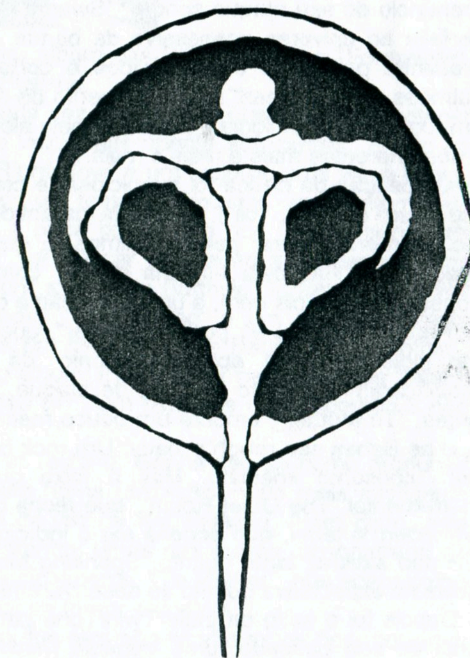
Desconfortável e ameaçado, será talvez o que se sente após a audição deste LP.

Os concertos passam a ser, geralmente, tocados com bandas que assinam pela Roadrunner (Ratos de Porão e outras bandas de HC e Trash).

Dois anos depois, o 2º longa duração, também editado pela Roadrunner, "Aggravation" não desiludirá, perdendo-se um bocado a subtileza gélida da anterior gravação, mas ganhando-se em eficácia sonora e demolição auditiva que se deve ao facto da banda ter alterado o seu line-up no que respeita à sua secção rítmica.



As guitarras irrompem agora mais pesadas, abrindo caminho a um som mais *Trash*, no baixo surge-nos um serpenteante e agressivo Stephane Cressend, as percussões são tocadas no estúdio por Stephen Priestley (dos Celtic Frost). Mais uma vez é dada capital importância à produção, Voco Fauxpas e os Treponem Pal conduzem-na da melhor maneira e o álbum é misturado por Roli Mosiman (ex-Swans).



As tendências patológico-sexuais das letras surgem-nos mais uma vez: em "Love" (que juntamente com "Radioactivity" - um tema antigo dos Kraftwerk nos envolve nas frias paisagens do som antigo da banda) e em "Sweet Coma". O destilar do ódio pelas instituições tradicionais em conjunto com a ferocidade de *riffs Trash* resulta plenamente em temas como "Out with no flag" e "Rest is a war".

Brutalmente épico, o som dos Treponem Pal continua a ameaçar-nos e espera-se ainda este ano, ou em 1993 pelo seguimento da sua sonoridade poderosa.

Mutante Noé.

BABEMANIA



1989. Três miúdas de Minneapolis armam-se de canções mortíferas e atacam os ouvidos mais incautos. Nascem as Babes in Toyland.

Desde a sua estréia em vinil, com "Spanking Machine", as BIT firmaram um compromisso com um som urgente, quase desesperado e claustrofóbico, apocalíptico até. Não há pausas para relaxamento com estas Babes. Desde o primeiro acorde da sua música a sensação é de tensão, de asfixia e de explosão eminente. Kat Bjellend (guitarra e voz), Michelle Leon (baixo) e Lori Barbero (bateria) fizeram deste primeiro registo um prenúncio do seu ataque sonoro. "Swamp Pussy" e "He's My Thing" são um introdução perfeita ao universo possessivo da banda. A fórmula vai se manter a mesma até ao presente: guitarra e baixo básicos e cortantes e voz urrada com toda a força dos pulmões. "Vomit Heart" é um momento de energia implosiva. "Pain in My Heart" é mais um toque de escatologia e prazer. E pelo álbum afora segue-se sempre mais do mesmo, e nós queremos mais e mais e mais!!!

A recepção da crítica foi auspiciosa, e com Thurston Moore a apadrinhá-las ("they're the future of rock'n'roll"), já estava garantido o sucesso da máquina Babes in Toyland. No resto era esperar pelos próximos. E quem são as Babes? Imaginem os Mudhoney ligados aos Fall pela espinha dorsal, com vocais de Siouxsie e Lydia Lunch. Não conseguiram? Pois bem, a única solução é ouvir.

Aguardamos até 91 por "To Mother", que esteve por 10 semanas no lugar cimeiro do top indie inglês. A abrir, "Catatonic" dá o mote para constatarmos que, se elas modificaram um tanto a forma de ataque, continuam tão virulentas e imediatas como antes. "To Mother", embora um pouco menos agressivo que "Spanking Machine", prova que as Babes são rough'n'ready. Um rock básico, sem firulas e sem lamechices, pronto para consumo imediato. Mas a faixa que talvez mais chame a atenção seja a instrumental "The Quiet Room", que fecha o EP de 7 temas. Apenas guitarras barrocas compõem o tema, que poderia ser o indício de novas direcções a seguir pelo trio. Este EP não satisfaz tanto quanto "Spanking Machine", embora também não desiluda e nos deixe na expectativa quanto ao desenvolvimento natural do seu trabalho.

Depois foi o salto da indie Twin/Tone para uma major, a Warner. E pouco antes do final do ano passado, uma tragédia modificaria o line-up da banda. O namorado da baixista Michelle Leon, que era roadie da Rollins Band, foi assassinado a tiro. Michelle abandona as Babes in Toyland, e para o seu lugar entra Maureen Herman (Joe Cole é o personagem do tema "100%" dos Sonic Youth, incluído no álbum "Dirty"). Já em abril é editado um álbum que reúne duas Peel Sessions, gravadas em 90 e 91.



E em agosto de 92, vê a luz do dia o terceiro álbum das BIT. Chama-se "Fontanelle", com 15 temas produzidos por Lee Ranaldo e Bjelland.

"Bruise Violet" abre o álbum a dizer que desta vez é a doer, e quem não se proteger vai levar com outra saraivada de guitarras e vozes atrozmente sufocantes. E não se iludam. Este álbum é mesmo espectacular. "Right Now" é um beijo de uma viúva-negra, doce e sensual, mas mortífero. "Blue Ball" seria um tema da Siouxsie, quando iluminada pelo espírito divino. "Handsome & Gretel" é a peça punky que nos lembra perversas brincadeiras com bonecas vudu. "Won't Tell" vai buscar inspiração às Breeders, mas com Kim Deal incarnando Black Francis. "Spun" acorda os Butthole Surfers, com a voz 'lazy' e as guitarras a escorrerem pela melodia. "Short Song" é um momento trash. "Jungle Train" pode ser a banda sonora para um filme de Clive Barker. Em "Mother", retoma-se uma linha mais chegada ao primeiro álbum, mas a arder na avidez das Babes. E, por fim, "Gone" é a canção mais bêbada das BIT. Um hino que os Spacemen 3 não desdenhariam.

"Fontanelle" é o melhor trabalho das Babes in Toyland. Ganha não só numa produção muito mais cuidada e acutilante, como também numa utilização muito mais inteligente das potencialidades da banda, principalmente da voz de Kat Bjelland. Além disto, pela primeira vez, as músicas realmente soam diferentes umas das outras, ao contrário do que aconteceu com "Spanking Machine" e, principalmente, "To Mother", que soam como uma massa, que apesar de apetitosa, acaba por se tornar enjoativa.

Agora que já encontraram o caminho, é certo que elas não se vão deixar ficar por aqui. Mas atenção: fique a saber que, ao deixar que as Babes in Toyland penetrem em seus ouvidos, terão assumido um compromisso que lhes permite destroçar o seu cérebro, e transformá-lo numa massa viscosa de lama, sexo e rock'n'roll.

Alexandre.

Batz Without Flesh

Os Novos Pioneiros Americanos

Num país como os EUA, em que o Rock e a guitarra são praticamente instituições inquestionáveis e sacrossantas, é de louvar a atitude destes Batz Without Flesh. Juntamente com outros projectos como os Mentallo & The Fixer, Biohazard/PCB e Numb (seus primos canadianos), eles são a nova geração de pioneiros americanos que se dispõem a desbravar uma 'virtually virgin area' deste continente: a música electrónica.

Sediados em Newark, os Batz Without Flesh surgiram em 1986 pela mão de três amigos: Sloth, John Dugan (cuja estadia foi curta) e, pelo mentor do projecto, Claude Willey Jr. São inúmeras as suas influências, mas não abdicam da individualidade da sua música. Praticam um electro-punk (como eles mesmo lhe chamam) melodioso, mas ferozmente agressivo, crítico, cibernético e apocalíptico. Com a sua música agressiva retratam a morte, o medo, a violência, o macabro, o sexo, o desumano...., enfim, toda a opressão que, hoje em dia, a tecnologia tão eficazmente facilita. 'The fate of the world on a floppy disc' é algo a evitar.

A fim de difundir o seu projecto, Willey cria em 1988 a sua própria editora: a NTS (Nailed To Sound). É nesta editora que neste mesmo ano é lançado o primeiro registo do grupo: o homónimo primeiro mini-LP. Com uma capa fabulosa e 5 temas de qualidade, os Batz iniciam com o pé direito o seu caminho discográfico. Dos cinco temas é de destacar três: "Residue", "Futureshock" (profundamente apocalíptico e com samples do filme "A Nightmare On Elm Street") e "Auto Suggestion" - o tema mais dançável, em que Sigourney Weaver não se cansa de repetir 'get away from her, you bitch'.

O próximo passo foi o seu primeiro LP: "A Million Bricks" (89). É esta, até agora, a obra-prima do projecto. Estrategicamente, pode-se dividir este registo em dois. O lado A é fantástico. O lado B é apenas bom. As escaramuças iniciam-se logo com "Oil", um tema raivoso. 'Dig a hole... fall in... fuckin' asshole!'. A raiva transborda e é contagiante. Os temas sucedem-se: "Watch your back", "Yen-lo", "21-375" e finalmente "Avalanche" - um tema nitidamente inspirado em "The Unseen" dos Clock DVA. O lado B inicia-se com "Direction", um tema médio que só menciono devido à particularidade de conter um sample do filme "Hellraiser". A mediania é contudo atenuada por dois temas: "Intra-coarse" e "Life-Bait".

O segundo álbum, "No Memory" (91) foi uma profunda desilusão e pode-se classificá-lo como a nódoa na carreira destes Batz. Talvez ressentindo-se da dissidência de Sloth, este registo é demasiado simples (e até simplório por vezes). A sensação com que ficamos é que os temas não são mais do que estruturas descarnadas, primórdios daquilo que ainda não existe. A voz de Willey e a caixa de ritmos estão omnipresentes, procurando camuflar aquilo que deveria existir: as construções melódicas a que os Batz nos tinham habituado. Contudo, é justo afirmar que o descalabro não é total. Temas como "Fenpor", "Can't Speak" e principalmente "Repunish" (' green as grass... straight up your ass.') salvam a situação.

Considerando o potencial destes americanos, é de esperar que "No Memory" seja apenas um percalço na sua carreira e que com "This Liquid", que deve ter saído em meados de agosto, eles se redimam do anterior desaire. Ponderando tudo, o meu conselho só pode ser um: "Relax your mind" ... and enjoy.

The Interview

KYI: Tell us in a few words the history of Batz Without Flesh. How did you ever get 'Nailed to Sound"?

Claude: Batz Without Flesh was started in 1986 by myself and John Dugan (who has since left the group). The group was started after our previous noise band - "Moaners" - disbanded. At the time we were very into groups like Chrone, Clock DVA and Suicide. I started the NTS Label to release our first mini-LP in 1988. Sloth worked on the "Million Bricks" LP with me and then left in 1990 before I did "No Memory" LP.

KYI: Does the name Batz Without Flesh have any special meaning?

Claude: The name Batz Without Flesh comes from the idea that if a bat (a riot club) has no one to hit, it is without flesh. Hard-hitting without real violence. Controlled frustration and anger.

KYI: It's been said that you were influenced by bands like Controlled Bleeding and Frontline Assembly. Is this true? Were you ever influenced by anybody?

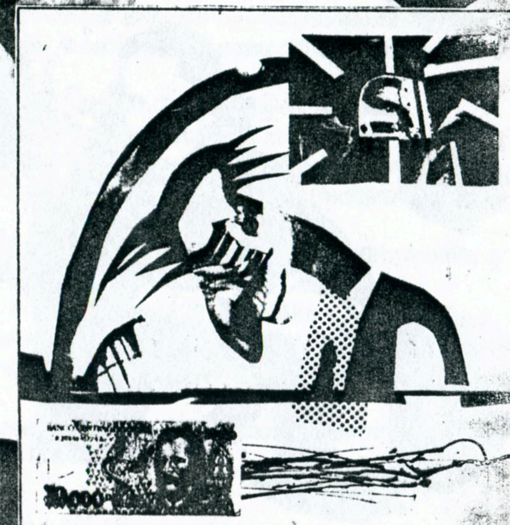
Claude: Actually, we existed way before Frontline Assembly. I wouldn't say they were an influence. We were influenced by Suicide, Clock DVA, Cabaret Voltaire, Chrone, Alien Sexfriend, DAF and early Human League. Pre-midi electronic music has always been my favourite. I have always been a fan of very stiff rhythms.

KYI: In a country where Rock'n'Roll reigns were you ever tempted by the guitar? When did you fall in love with techno?

Claude: I was never really into the guitar or its sound. I fell in love with electronic sounds and bought a synthesizer in the early eighties after hearing "Traveloque" from the Human League. The whole rock thing was all around me so I took a very different route. Today I like many guitar oriented bands, like Godflesh, but I try to stay electronic oriented in my music.

KYI: Your music has been named 'electrocyberpunk'. Do you agree? If not how do you describe it?

Claude: I would say electro-punk is very close to describing the music of Batz. I really don't think Batz Without Flesh music is very dance based. I really don't worry too much about labels, but comparisons can't be avoided.



KYI: Why the samples of "Hellraiser" and "A Nightmare on Elm Street"? Do you live in terror or do you simply want to terrify?

Claude: The samples of the first two records were used because they were relevant to us at the time. Batz Without Flesh music moves in a new direction now. Samples are more restrained in our music now. We do not intend to terrify nor do we live in fear. We put in pieces of our surroundings - sometimes without thinking. We would like people to make their own decisions about our music and what it means to them.

KYI: When will your next LP be out? Does it have a name already? Give us an idea!

Claude: The new eleven track CD is called "This Liquid" and is due out in mid august. It is more complex in construction than the previous releases. It reveals new methods and emotions. "This Liquid" came together faster than any other Batz Without Flesh recording.

KYI: Finally, is there anything you want to say to your portuguese public?

Claude: I would like to tell people to support independent electronic music. Always keep your ears open for new sounds. The boundaries of music are always expanding, so keep pushing them. Take chances! Also- we plan to come to Europe next Spring.

Leandro Covas.

Nestes tempos em que se lançam compilações a torto e a direito, duas que me chegaram ao ouvido merecem atenção especial. São elas "Virus 100" e "Guitarorists". Acompanhem-me.

VIRUS 100

A Alternative Tentacles foi uma das primeiras editoras independentes a surgir, a acompanhar a explosão do movimento punk. Os Dead Kennedys foram a primeira banda da editora, e são eles os homenageados por esta compilação, que comemora a centésima edição da Alternative Tentacles.

Dezasseis bandas recriam canções dos Kennedys, de forma mais ou menos feliz. Só há duas manchas nesta compilação: a grande cebolada que é juntar bandas tão dispares (mesmo em qualidade) num mesmo registo e a não aparição dos Butthole Surfers, uma das melhores bandas que a editora teve no seu cast.

Como penso que pouco vale comparar as versões com os originais (se o leitor não conhece os originais, não vale mesmo nada), digo o que penso dos temas.

A Alternative Tentacles vende por mail order. Vale a pena pedir um catálogo. A morada é: 64 Mountgrove Road, London N5 2LT, UK.

- **Didjits "Police Truck"** - música de combate, punk até o último fio de cabelo. É bom saber que ainda existem bandas assim. A descobrir.
- **Evan Johns & his H-Bombs "Too Drunk to Fuck"** - um dos hinos dos Dead Kennedys. Recriação no mais puro espirito 'drunk' e 'fucked'.
- **Alice Donut "Halloween"** - óptimo, com excepção do trombone (it's not a fuckin' trumpet).
- **Faith No More "Let's Lynch the Landlord"** - mais uma demonstração de mau gosto e pirosseira, como só estes rapazes conseguem. A crítica é às vezes difícil de perceber, não é?
- **Napalm Death "Nazi Punks Fuck Off"** - os ND atiram o tema contra a parede, passam no num triturador, e devolvem no pronto para consumo. Maravilhoso.
- **Nomeansno "Forward to Death"** - os Dead Kennedys pelos Dead Kennedys. Se é assim que Jello Biafra vê a sua banda, é com ele, mas escusava de mostrar a toda a gente.
- **Steel Pole Bath Tub "Chemical Warfare"** - sem deslumbrar, oferecem um resultado interessante, numa levada quase rockabilly.
- **Neurosis "Saturday Night Holocaust"** - a banda sonora do Apocalipse. Tema perfeito para uma lavagem cerebral completa. Outra banda a descobrir urgentemente.
- **Les Thugs "Moon Over Marin"** - o que é que esta cópia xunga dos Ride está aqui a fazer? Tenham paciência, meus senhores!
- **Victims Family "Ill in the Head"** - nesta tentativa de hardcore punk falta muita força e consistência. Será propositado? Não sei.

- **Disposable Heroes of Hiphoprisy "California Uber Alles"** - isto nem como brincadeira vale! Vão se f*****.
- **Mojo Nixon & the Toadliquors "Winnebago Warrior"** - uma demonstração de bom humor e pouco mais que isso. Não vale a pena.
- **Sepultura "Drug Me"** - já é lugar comum dizer bem deles, mas o que há a fazer? Em pouco mais de 1 minuto eles transformam o tema num clássico instantâneo. O melhor tema da compilação.
- **Kramer "Insight"** - a intenção do guitarrista dos Bongwater é boa, o resultado nem tanto. Rock minimal evangélico ?!?
- **L7 "Let's Lynch the Landlord"** - apesar da banda não ser metade daquilo que a critica diz, elas aqui aparecem bem, a injectar a energia que os Faith No More estupidamente tiraram ao tema.
- **Sister Double Happiness "Holyday in Cambodja"** - o cariz hardrock FM que o tema ganhou não lhe fica nada bem. A compilação poderia terminar melhor.



GUITARRORISTS

A nº 6 Records, sediada em New York, teve a ideia de juntar uns quantos guitarristas num álbum com uma proposta. Criar temas exclusivamente executados por guitarras, sem qualquer intervenção vocal ou de outros instrumentos. Para o efeito, arrebanhou alguns dos maiores nomes da cena musical actual, como Sonic Boom (Spacemen 3), Lee Ranaldo, Kim Gordon, Thurston Moore (Sonic Youth), J Mascis (Dinosaur Jr), Paul Leary (Butthole Surfers), Don Fleming (Gumball), Steve Albini (Big Black, Rapeman), Dean Wareham (Galaxie 500), Kat Bjellend (Babes in Toyland) e outros. Os mais aficcionadòs podem encontrar nos seus 26 temas vários motivos de interesse. Os menos aficcionados podem comprar o novo álbum dos GNR, em qualquer feira do país.

A compilação poderia ter sido melhor conseguida. Grande parte dos temas são desinteressantes, e alguns mesmo chatos. Mas não deixa de ser curioso (e em alguns casos, delicioso), descobrir o que essa gente consegue fazer só com uma guitarra na mão, sem truques ou artifícios. Ah, o melhor tema da compilação é "Blues for a Spacegirl", de Thurston Moore.

Alexandre.

SPACEMEN 3

Tornar o simples complexo foi a aposta que os Spacemen 3 decidiram ganhar. Fazer dos poucos acordes uma catarata de sons quase indecifráveis que se repetem no tempo, em obras preferencialmente longas. Extorquir gemidos às guitarras pejadas de pedais ou apenas embalar os sentidos em poucas notas dum órgão, saxofone, violino,...

É certo que não lançarão mais inéditos, pois cessaram actividades. No entanto o que fizeram, fizeram bem e vai mantê-los vivos durante muito tempo.

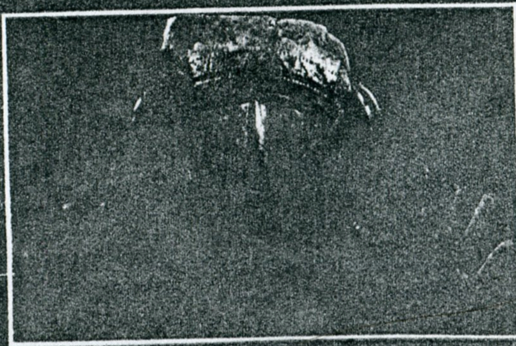
Sem dúvida, os Spacemen 3 ganharam a aposta.

SPACEMEN 3

Quando Peter Kember (mais tarde conhecido por Sonic Boom) cruzou pela 1ª vez com Jason Pierce, este tocava numa banda de estilo gótico, sem qualquer futuro, chamada Indian Scalp.

Era intenção de Kember encontrar alguém que o ajudasse a levar adiante as ideias que tinha quanto à criação de um estilo musical que, embora tendo raiz no passado, fosse destinado ao futuro e mesmo incompreendido no presente.

As suas experiências tiveram início quando, depois de já ter Jason ao seu lado, se aliaram a ele o baixista Bassman e o baterista N. Brooker. Juntos gravaram uma demotape, em finais de 85, onde estavam incluídos os temas "2:35", "T.V. Eye", Fixin' To Die", "Walking With Jesus" e "O.D. Catastrophe". Estava lançada a sorte. As influências tinham o nome de Stooges, Velvet Underground, Suicide,... o resultado era uma neurose completa, comparável a "Psychocandy" dos The Jesus and Mary Chain. Nesta primeira demotape as guitarras apareciam sofrendo convulsões cíclicas. Giravam em torno de um mesmo som, uma mesma batida exaustivamente explorada. Diria Peter, já depois da extinção da banda, que os Jesus, os My Bloody Valentine e outros da mesma onda foram completamente influenciados pelos Spacemen3. Contudo, não esquecer que "Psychocandy" é anterior ao primeiro trabalho dos Spacemen3.



A Glass Records foi quem primeiro lhes pôs a mão, e num ápice estavam em estúdio a gravar o LP que viria a ser chamado "Sound of Confusion", lançado no ano de 86 e que teve a própria banda como produtora. Da demotape ficaram "2:35" e "O.D. Catastrophe" e a eles se juntaram outros 5, entre os quais 3 covers: uma dos 13th. Floor Elevators ("Rollercoaster"), uma de Glenn Campbell ("Mary Anne") e uma dos Stooges a abrir o lado B ("Little Doll"). São 7 obras inseparáveis. Todas elas transbordando de radicalismo, que alia ao abuso de ruído o abuso da duração de cada composição , fazendo deste disco um tormento para ouvidos menos preparados. O destaque vai para os temas "Loosing Touch With My Mind" e "Hey Man".

Neste disco a função de Peter Kember na banda aparece creditada para o nome Peter Gunn (é que nesta altura ainda não tivera a brilhante ideia de se "pseudonimar" Sonic Boom).

Em 87 é lançado "Perfect Prescription" (onde Peter Kember, ou Peter Gunn, já é Sonic Boom). É um disco que compila os singles editados após o primeiro LP. Continua presente o som obscessivo e minimalista, donde se destaca "Walking With Jesus" (narrativa dum encontro com Cristo, apresentada dum modo calmo, ponderado, onde predomina o som do órgão) e "The Sound of Confusion" (um monótono som de órgão embalando um canto jovem mas preocupado).

"Perfect Prescription" é composto por 9 temas, entre os quais, talvez por pertencerem originariamente a registos diferentes, se nota uma diferença de estilo, sendo uns perfeitas continuações de "Sound of Confusion" e outros as portas para novas explorações, pois trazem sons de violinos, trompetes, saxofones,...

É exemplo disso "Transparent Radiation (flashback)". O tempo de duração dos temas é agora muito díspar. Antes tendiam a prolongar-se no tempo, agora ora se prolongam, ora se aviam, mas mesmo neste caso a sensação é de ter ouvido o mesmo som durante minutos intermináveis, ou não continuassem os Spacemen 3 a fazer de cada canção um hino de adoração à monotonia.

O caminho estava aberto para a liberdade total. Para trás ficava o anti-acústico "Sound of Confusion", no presente vibrava "Perfect Description", com as incursões que se viriam a repetir nos futuros registos da banda.

Nesta altura despedem-se da Glass Records, motivo suficiente para esta, em estilo de "fazer render o peixe", editar "Performance", um registo ao vivo datado de fevereiro de 88, feito no "Milk Way Club", em Amsterdão. O seu som não é o melhor, mas a intenção também não era acrescentar um ponto na carreira da banda, mas sim trazer algo mais à carteira da editora. Mesmo assim, "Performance" é fundamental na estante de qualquer fã, e sempre ajuda a 'imaginar' como são "Walking With Jesus" e "Take Me To The Other Side" ao vivo...

A despedida estava feita. Posteriormente todos os trabalhos dos Spacemen 3 editados pela Glass Records foram reeditados por aquela que viria a ser a sua nova editora, a Fire Records. É nesta companhia que reaparecem em grande com o melhor LP da sua carreira, "Playing With Fire".

As influências do som dos Suicide fizeram-se mais fortes, e passou a haver um maior recurso ao orgão, reportando-nos para alguns dos melhores trabalhos de bandas como os The Doors e Pink Floyd, como é o caso de "I Believe It" (onde, mais uma vez, se toca no nome de Cristo).

"Playing With Fire" é um disco maduro. Não tem histerias e os abusos habituais são feitos com maior inteligência. Não puseram de lado toda a sua rebeldia, mas usaram-na com perspicácia, e logo mais eficácia. Os temas já não são grandes para atordoar o ouvinte, são-no porque é compreensível e até exigível que a sua beleza se arraste por mais algum tempo. Quem iria querer que "Revolution" fosse mais pequeno?

"Revolution" é o hino máximo dos Spacemen 3, onde se prova aquilo que se disse logo no início: a intenção é fazer do simples algo complexo. Com apenas um acorde de guitarra, mas 3 guitarras, se faz uma declaração de amor ao 'noise'. Talvez uma das mais sinceras e directas algumas vez feita ao 'noise-rock'.

A liberdade que "Perfect Prescription" conquistou (ao introduzir dum modo estabelecido instrumentos acústicos nos temas) veio fazer com que "Playing With Fire" seja composto ora por inenarráveis descargas eléctricas, ora por suspiros leves votados ao descanso e à meditação.

Surpreendentemente este disco levou-os ao sucesso no meio independente britânico, algo que não acontecera com os trabalhos anteriores. Tiveram, inclusivé, excelentes saudações por parte da crítica. Estava na hora da Glass Records aproveitar aquilo que tinha, e começou por editar uma compilação ("50000 Glass Fans Can't Be Wrong"), onde incluiu uma versão demo de "2:35". Mais tarde viria a remexer nos arquivos, e edita um 'live', onde se inclui uma versão do tema "starship" dos MC5. Este disco, de edição limitada a 2000 cópias, é caracterizado pela escolha a dedo dos temas mais ruidosamente brutos do catálogo da banda na Glass Records.

Por esta altura Sonic pretende gravar um LP a solo, mas antes a banda quer ver algo novo nos escaparates e lança "Hypnotized", onde Jason toca saxofone.

O trabalho a solo de Sonic tem como resultado um EP, "Angel", um LP "Spectrum", ainda um 10" EP de nome "Octives" (extremamente raro), e um 7" com temas do 10" chamado "Drone Dream".

"Spectrum" conta com a participação de Jason e Will (dos Spacemen 3), de Jo e Phil (dos Perfect Disaster) e de Jazz Butcher. É um disco insosso, muito psicadélico (bolinhas e risquinhas), por vezes muito suave, mas quase sempre dançável.

Em 90, Jason e o resto dos Spacemen 3 organizam-se sem Sonic saber e formam os Spiritualized. Editam um primeiro single "Anyway You Want Me" (um original dos The Troggs), e Sonic Boom, sentindo-se traído, em especial por Jason, que considerava seu melhor amigo, põe termo aos Spacemen 3. Jason viria justificar-se dizendo que ele e o resto da banda apenas queriam ter um projecto onde pudessem ser eles a construir e inventar, pois com os Spacemen 3 era Sonic que fazia tudo e queria ter sempre a última palavra.

Sonic criticou-os por não terem a dignidade de editar um single menos entranhado com a história dos Spacemen 3, uma vez que "Anyway You Want Me" já havia sido gravado por eles para inclusão em "Playing With Fire", mas por decisão do próprio Sonic, foi afastado do alinhamento.

Jason e Sonic nunca mais puseram a vista em cima um do outro, e vistos na situação de terem mais um disco a gravar para a Fire Records, resolveram acometer um lado a cada um e trabalharem separados, sem qualquer colaboração mútua. O LP, chamado de "Recurring", tem o lado A assinado por Sonic Boom e o lado B por Jason, o que o torna uma obra híbrida, deslocada no reportório dos Spacemen 3. Precedeu-a o single "Big City", que viria a integrar o lado de Sonic. Também "Hypnotized" viria a ser incluído no LP, no lado B.

Sonic optou por uma linha muito pop, que nunca caracterizou os Spacemen 3. Jason escolheu peças lentas e monótonas cheias de melancolia.

Por todas essas razões, "Hypnotized" foi o último verdadeiro Spacemen 3 a ser feito; depois dele a banda estava dividida, acabada.

As agressões entre Sonic e Jason foram devidamente comentadas pela imprensa, que fez deles aquilo que não pôde fazer com Morrissey e Marr, por falta de motivos. Com os dois Spacemen foi fácil fazer uma novela, pois ora Sonic dava uma entrevista (sempre sumária), onde dizia que Jason nunca teve vocação para a música, nunca soube o que queria fazer da vida, e se não fosse ele o pobrezinho acabava a sua carreira musical com a derrocada (eminente) dos Indian Scalp, ora Jason falava aos repórteres (sempre dum modo esplanado), e dizia que Sonic é um egoísta, egocentrista, mau camarada, convencido de que é o dono do mundo...



Spiritualized

Mas entretanto, quem fruia com tudo isso eram os 'espiritualizados', que viam todos os olhos virados para si. Lançaram mais 3 singles, não porque o gostassem de fazer, mas porque era preciso para se manterem a dar concertos enquanto não saísse o prometido LP. "Feel So Sad", "Run" e "Why Don't You Smile Now?" são os temas que deram nome aos 7", sendo este último uma versão duma antiguidade da dupla Lou Reed/John Cale.

Embora em termos globais a distância entre os Spacemen 3 e os Spiritualized não seja longa, os propósitos duns e doutros são completamente diferentes. Os primeiros actualizaram e votaram para o futuro o som dos seus ídolos, os segundos, embora admitindo influências do passado, vêem o seu objectivo na segregação de novas tendências para torná-las eternas. A vontade é a de criar algo que não pareça nunca desusado. Também interessa fazer a música de tal modo enigmática que leve a que as pessoas não a descubram toda logo à partida, segundo o próprio Jason: "we wanted the kind of mix where a year after listening, people suddenly realise there's another instrument in this song they've listened to over and over"... isto fez com que a saída do primeiro LP dos Spiritualized demorasse. Estava agendado para 91 (havia sido gravado em poucas semanas em 90), mas as misturas feitas não agradaram os elementos da banda, pois lhes faltavam aquela característica enigmática que manteria o ouvinte numa certa miopia.



Spectrum

Assim, depois de muito pressionarem a editora (a Dedicated), para que os deixasse voltar a estúdio para remisturar tudo lá conseguiram convencê-la. Jason definiu o resultado como uma "total immersion", o ouvinte entregar-se-ia como a uma droga.

Estava pronto para os escaparates quando lha deram o nome de "Lazer Guided Melodies", sendo lançado em vinil duplo (tocando em 45 rpm) e CD simples. Algumas cópias do vinil foram acompanhadas dum 7" de edição limitada que inclui "Anyway That You Want Me" e "Why Don't You Smile Now?".

São 12 os temas onde reina a monotonia, lentidão, minimalismo... destacam-se "Angel Sigh" e "Medication".

Durante o mês de agosto os Spiritualized estão em estúdio gravando um single para sair em setembro e logo fazer uma extensa digressão pelo Reino Unido.

Sonic Boom lançou muito recentemente um novo projecto, ao qual deu o nome de Spectrum e já lançou um 7" ("How You Satisfy Me") e um LP ("Soul Kiss (Glide Divine)"). O resultado é de qualidade muito superior aos seus exercícios a solo anteriores. Primam as guitarras incandescentes indiscretamente ruidosas, contudo fazendo lembrar Spacemen 3.

Ainda para completar o arsenal dos Spacemen 3, de referir o LP "Taking Drugs to Make Music to Take Drugs to", editado dum modo 'pirata oficial' pela americana Father Yod Presents em 1986. É uma gravação de ensaios em Rugby (terra natal da banda situada perto de Birmingham em Inglaterra) em janeiro de 86. São 7 os temas: "2:35", "Mary Anne", "Sound of Confusion", "Losing Touch With My Mind", "A-Men", "That's Just Fine", "Come Down Easy". O som é óptimo, sendo mais poderoso em alguns temas do que nas suas versões finais presentes nos discos oficiais. A conseguir através da americana Forced Exposure (P.O. Box 9102 Waltham, MA 02254, USA). Também na Forced Exposure se pode conseguir o LP "Losing Touch With My Mind", que é uma espécie de irmão para "Taking Drugs...". É completamente pirata, não apresentando qualquer selo de editora. Há a indicação apenas de que é feito na Europa.

Valter Hugo.





NICK NACK 3

GANHEI A LOTERIA.

ESTÁS A GOZAR.

NÃO... É A SÉRIO. GANHEI.

FU FU

ALTAMENTE. VAMOS GOZAR. AGORA ADEUS TRABALHO. OLÁ GAROTAS.

MUM MUM! SIM SIM.

O QUE FOI?

NADA.

ESTÁS MALUCO? PODEMOS GOZAR. FUGIR. VIAJAR. QUE TENS?

É QUE QUANDO LEVANTEI O DINHEIRO NO BANCO FUI ASSALTADO E FORAM-ME AO CU!

¡QUE GRANDE CU. FICOU TODO ABERTO.

AO MENOS AGORA NÃO VOU TER PRISÃO DE VENTRE...

MAS CONTINUAMOS POBRES! MEU. ISSO É MAU.

...MAS SOBRARAM UNS TROCOS...

TAIHTHI

PERDÃO. PERDÃO. PERDÃO.

E AGORA NÃO CONSIGO DAR PEIDOS. CAGO-ME TODO...

FORAM-TE AO CU. AH AH AH. TOMA LÁ UM DEDO. CHUPA AQUI... AH AH AH

TENS AQUI UM DEDO...

FIM

VALTER HUGO.92

Dirty (not!)

Há tanto a dizer sobre este novo álbum dos Sonic que é difícil decidir por onde começar.

A primeira paragem será o single que antecedeu o álbum. "100%" terá sido um presságio mau demais, que felizmente não se concretizou. Os dois temas retirados do álbum ("100%" e "Créme Brûlée") traziam um si um sintoma de idiotificação consciente do som dos Sonic que beira o insuportável, enquanto as outras duas canções ("Genetic" e "Hendrix Necro"), nada mostram de novo, ou mesmo de aproveitável, especialmente a primeira, uma das piores 'coisas' que Lee Ranaldo já cometeu.

Apesar do seu nome, "Dirty" é o álbum menos sujo dos Sonic Youth. É o trabalho onde mais se evidencia a aproximação à canção. Foram-se as tentativas experimentalistas de "Evol", as mudanças de ritmo e melodia de "Sister", as paisagens agrestes de "Daydream Nation" e o trash-pop de "Goo", e agora os Sonic emergem com um álbum que, à primeira vista, pode espantar e até mesmo decepcionar os fãs mais ferrenhos, que defendem a manutenção do estatuto "arty" adquirido pela banda.

E em abono da verdade, diga-se que os Sonic não abdicaram da sua característica mais marcante: a capacidade de surpreender e ao mesmo tempo, manter um fio que liga toda a sua obra, que já toma foros de lendária. Por outro lado, também se pode argumentar que este álbum não consegue alcançar a excelência de um "Sister" ou um "Daydream Nation", embora seja completamente impossível afirmar se se trata do princípio do esgotamento da fonte criativa da banda, ou apenas uma decisão tomada a sangue-frio, numa forma de encontrar mais caminhos para evitar a auto-repetição.

Para já, nunca foi dada tanta atenção à voz, que domina o álbum de ponta a ponta, abrindo muito espaço que o habitual para o duelo de guitarras que até agora caracterizavam o som destes norte-americanos. Assim, somos obrigados a concentrarmo-nos nas melodias, e podemos notar que os Sonic conseguiram um feito que desde 85 não ousavam: fabricar canções más. Com efeito, a insípida "100%", a monótona "Shoot" e a incompreensível "Wish Fulfillment" não merecem estar neste álbum. Pelos vistos, os Teenage Fanclub andam a fazer mossa na música. Se juntarmos a estes mais 2 temas que seriam aceitáveis num lado B dum máxi, mas estão a mais aqui ("JC" e "Créme Brûlée"), ficamos com 10 temas que valem, sem qualquer dúvida, a compra do álbum e a sua audição aturada, até que ele nos penetre as entranhas e nos impregne com os seus mistérios e impossibilidades. É assim que os álbuns dos Sonic Youth devem ser apreciados.

NIC YOUTH

Uma audição do álbum pode confirmar que, em alguns temas, tem-se a sensação clara de que "falta aqui qualquer coisa". Isto fica mais óbvio em temas como "Swimsuit Issue" e "Drunken Butterfly", ambos cantados por Kim Gordon, e que sofrem do mesmo mal: um fraco aproveitamento da melodia, que torna as vocalizações de Kim um bocado forçadas e arrastadas, não deixando que a voz flua (ouça-se "Kool Thing" e note-se logo a diferença). Thurston também não aparece ao seu melhor em "Youth Against Fascism", uma canção bem intencionada, mas mal direccionada, que aponta para muitos lados e não sai do sítio.

O tema onde Kim aparece em melhor forma é "Orange Rolls, Angel's Spit", com a mesma fúria sexy que traz "Touch Me I'm Sick". E em "On the Strip", ela acaba por se redimir completamente, em uma canção sensual e quentíssima, bem ao jeito do que ela nos acostumou.

E acabamos por concluir que quase todos os grandes momentos de "Dirty" pertencem a Thurston Moore. A lindíssima "Theresa's Sound-world" está impregnada do mesmo espírito que fez de "Evol" a 1ª obra-prima da banda. Uma canção altamente hipnótica e suave. "Sugar Kane" segue a mesma linha, numa toada um pouco mais pop, e menos envolvente e atraente que a anterior. É o 2º single do álbum, e vamos, lá ver se a MTV arrisca-se a passar um vídeo com quase 6 minutos, dos quais 2 são de guitarras em scratch a subir e descer. "Chapel Hill" é a típica canção pop "à la Sonic". Em termos instrumentais é a mais bem conseguida do álbum. "Purr" é um tema que lembra "Daydream Nation", se não na sua maestria, pelo menos nos seus excessos. "Nic Fit" é o momento "trashy", à semelhança de "Scooter + Jinx".

A produção de Butch Vig não trouxe nenhuma melhoria ao som do álbum, antes pelo contrário. A impressão que fica é até de uma obra feita com muito menos esforço e paixão do que os álbuns anteriores, produzidos pela banda. Se Butch Vig fez alguma coisa, foi tornar as canções parecidas demais umas com as outras, de forma que é difícil apontar os altos e baixos do álbum. Talvez seja injusto atribuir-lhe esta culpa, mas não deixa de ser curioso que os Sonic, ao trabalhar pela 1ª vez com um produtor, lancem o seu álbum menos bom, desde "Bad Moon Rising".

De maneira nenhuma confirmar-se-ão as previsões de membros dos Nirvana, que disseram que "Dirty" poderia lançar os Sonic ao estrelato, como fez "Nevermind". Pelo contrário, a banda coloca-se numa posição algo perigosa perante os fãs de longa data, com este trabalho que é claramente menos brilhante que os anteriores. Resta-nos esperar por dias melhores, com a certeza de que, com "Dirty", os Sonic dão um passo menor que a perna.

Alexandre.

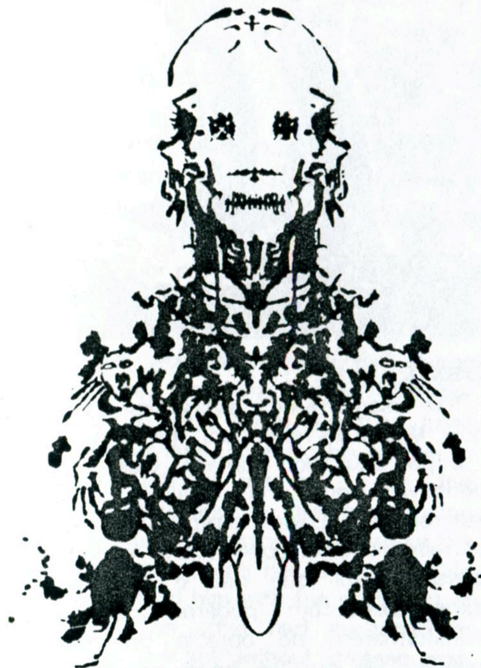
CLIVE BARKER
O HOMEM E A SUA IMAGINAÇÃO



Clive Barker, o famigerado realizador de "Hellraiser" e "Nightbreed", é um portento de imaginação. Universalmente aclamado como o digno sucessor de Stephen King e futuro mestre da literatura de terror, Barker construiu algo que o ultrapassa, pois de terror não se ocupa ele verdadeiramente. O fantástico, o imaginário, a mística humana, o desconhecido e o maravilhoso são os ingredientes principais de uma receita que ele habilmente manipula, e se por isso a humanidade o teme, Barker pede desculpa. Os seus livros são, no fundo, uma crítica a uma humanidade enfadonha, dogmática e temerosa.

Realidade. A queda de todos os dogmas.

O que é verdadeiramente surpreendente na escrita de Barker é que por mais fantástica que ela seja, nunca é artificial. Todos os convencionais clichés são completamente postos de lado. Barker aterroriza-nos com nós próprios, e se existe algo realmente assustador, esse algo é a mente humana. Para quê ir mais longe?! Todas mentes têm o seu lado mais negro, que não convém , ou é demasiado incómodo explorar. Barker tem a coragem para o fazer e fá-lo de uma forma exímia.



Nos seus livros, Barker começa por anestesiar o leitor, criando toda uma aparência de normalidade, só para subitamente ou ardilosamente a destruir. Só que, e aqui é que reside o mérito, a anestesia nunca é totalmente eficaz e a surpresa, dolorosa ou não, é inevitável. Todos os dogmas, sejam eles científicos, religiosos ou sociológicos, desmoronam-se a uma velocidade nunca vista. Não há 'Muro de Berlim' que não caia. Todo o dogma veio do pó e ao pó voltará, e Barker não perdoa.

Todo um 'ambiente controlado' criado pelo Homem para se sentir seguro e confortável é posto em causa. O que Barker pretende reconhecer é um meio termo entre a realidade, o Homem e as suas defesas. É no fundo uma crítica social e a mensagem é a seguinte: a realidade é só uma e há que se adaptar a ela.

O Maravilhoso.

E eis o instrumento de destruição que todo o dogma teme. A imaginação de Barker é o maravilhoso em si mesmo. É criado todo um rol de personagens que ou representam ou exploram todas as dúvidas, receios, desejos ou angústias da humanidade. Nada é esquecido e com elas todos nós nos identificamos de uma forma ou de outra. As personagens de Barker são os agentes com que ele destrói e reconstrói uma trilogia:

O Misticismo.

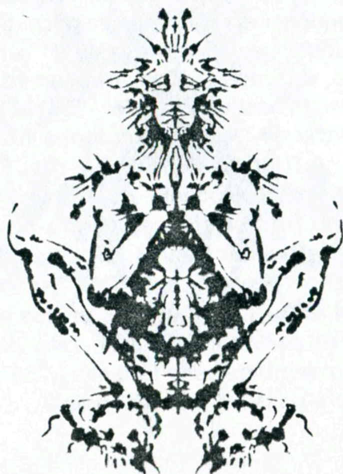
O mito sempre foi uma forma de justificar e dar sentido àquilo que nos ultrapassa. Barker evaporiza todo e qualquer equilíbrio por eles criado. Ele simplemente os destrói e das suas cinzas reconstrói uma realidade 'miticizada' completamente estranha e hostil. Os mitos deixam de ser algo abstracto e etéreo, transformando-se em algo de concreto e vivível.

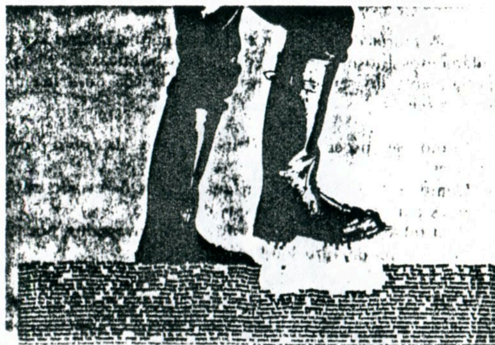
A possibilidade de outros planos de existência (os cinco domínios de "Imajica"); a magia, seus sujeitos e consequências (o mundo mágico tecido no tapete de "Weaveworld"); a vida depois da morte (The Nightbreed, os Zombies noctívagos de "Cabal"); a existência de Deus, a sua forma física e moral (Hapexamendios, o Deus paranóico e psicopata de "Imajica"); a porta do paraíso (Lemarchand's box em "The Hellbound Heart"); a procura da perfeição (The Art em "The Great and Secret Show"). Todos estes muitos são o ponto de partida para o desenrolar de um enredo sem limites e fronteiras. Só com Barker é possível viver um mito!

Religião.

"Shadwell had been brought up a Catholic; He listens to the Sanctus... Then the Eucharistic Prayer... and on the Consecration. Take this all of you and eat it. This is my body which will be given up for you... Old words; old rituals. But they still made sound commercial sense. Talk of Power and Might would always attract an audience. Lords never went out of fashion." (Weaveworld)

Além deste tom profundamente consciente e crítico, Barker adulteriza e desacredita toda a mitologia Cristã, reconstituindo em "Imajica", Jesus Cristo como um feiticeiro que, para salvar a Humanidade de Deus, e não para Deus, como se pretende fazer crer, se deixou crucificar. Em "Imajica", Deus é caracterizado como um ser mesquinho, paranóico e amoral. Todos os seus agentes (incluindo Cristo) são resultantes da violação de mulheres inocentes que são compulsivamente chamadas a serem 'instrumentos divinos'. Deus é estranhamente humanizado. Não é apenas um repositório de virtudes, mas um ser híbrido, complexo e vivente. Os seus caprichos, paranóias e imperfeições são extremamente comuns, embora infinitamente mais perigosos.





Sexo.

"I've used my dick every way I know how. Maybe it's redundant." (Imajica)

E por aqui tudo começa. Quando se pensava que o sexo estava estereotipado, Barker ultrapassa todas as barreiras. O sexo 'convencional' é algo do passado. Por que não o sexo com transexuais com poderes para se transformarem no objecto da nossa luxúria: "He put his hand against the mysfit's sex. 'You could fuck or be fucked with this, right?'. 'Yes'. But before he could take hold of his prick, which was becoming painfully hard, the mysfit did so, guiding him inside it with an urgency its face still failed to betray. The bath of its sex soothed his ache, immersing him balls and all." (Imajica)

É-nos dito que o sexo depois da morte é possível: "Boone was unzipping himself. She took his lenght in her hand. Now it was his turn to sigh, as she ran her finger along the underside of the erection, up from his balls to where the ring of his circumcision scar bore a nugget of tender flesh. Then... she took him inside. She was never so open, nor had ever needed to be. He filled her so overflowing. 'Yes', she said. 'Yes. Go on. Yes'. All she could manage were affirmatives. Yes to his spittle; yes to his cock; yes to his life in death, and joy in life in death forever and ever. The expression on his face made her cunt spasm." (Cabal)

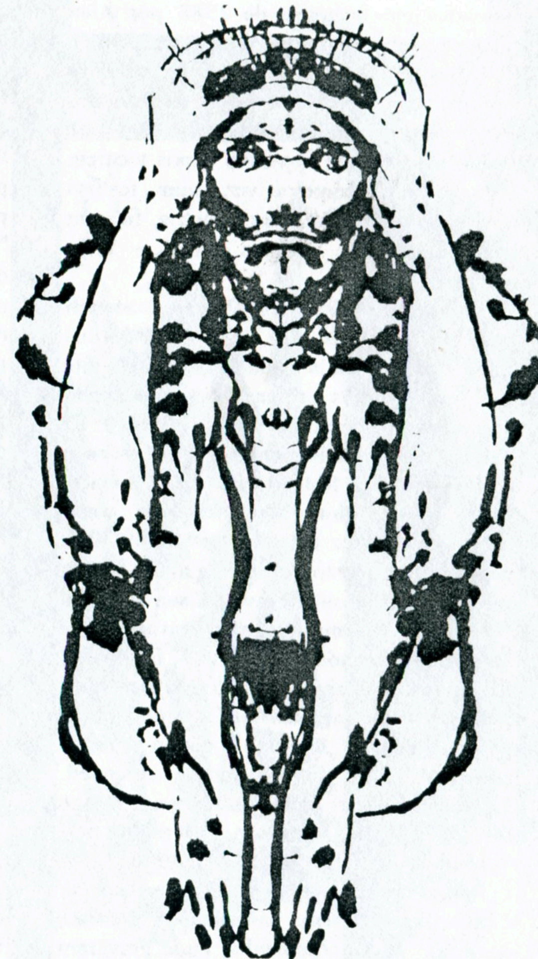
E por que não explorar outros domínios?: "The manuscript was not a surgeon's anatomical treatise, but a pillow book, depicting love-making positions and techniques. Human flesh was neither malleable nor protean enough to recreate what his brush and ink had set on the pages. The first picture showed a naked man and woman of perfectly normal appearance, the woman lying with her head on a pillow while the man knelt between her legs, applying his tongue to the underside of her foot. From the innocent beginning, a cannibalist union ensued, the male beginning to devour the woman, starting with her legs, while his partner obliged him with the same act of devotion. The artist had succeded in rendering the act without grotesquerie, but rather in the manner of instructions for some extraordinary magical illusion." (Imajica)

A cada passo, Barker cria um universo totalmente novo, um território virgem a explorar. E o meu conselho é que leiam os livros de Clive Barker ou que vejam os seus filmes. Ele merece-o.

Bibliografia:

- The Books of Blood, volumes I-VI
- The Damnation Game
- Weaveworld
- Cabal
- Clive Barker Nightbreed: The Making of the Film
- The Great and Secret Show
- The Hellbound Heart
- Imajica

Leandro Covas.



PUNGENT STENCH

Originalmente planeada para ser mais uma banda projecto, os **Pungent Stench** foram formados em fevereiro de 1988 por Alex (bateria), Jakec (baixo) e Martin (guitarra). Cedo essa intenção inicial mudou e a vontade de ser realmente profissional surgiu e cada vez mais ensaiaram e praticaram para atingir esse grande objectivo. Após tocarem ao vivo pela primeira vez, num festival trash/heavy em Wolfsberg, Áustria, ficaram conhecidos como a mais brutal e veloz banda da Áustria.

Em abril de 1988, os **Pungent Stench** gravaram a sua 1ª demo, "Mocous Secretion", que foi lançada em maio seguinte e obteve óptimas criticas. Ao lançamento desta demo seguiram-se mais concertos, na Áustria com os **Disharmonic Orchestra** e na Polónia, num festival trash em Katowice, onde durante dois dias actuaram como cabeças de cartaz em frente de 2000-3000 pessoas. Em agosto do mesmo ano a banda foi a Inglaterra, onde gravou a sua 2ª demo "Extreme Deformity". Esta gravação era suposta ser lançada no formato 7" EP ou 12" EP, mas como as masters foram perdidas, nada disso de concretizou. Durante os seis meses que se seguiram deram muitos concertos, com bandas como **Accused**, **Extreme Noise Terror**, **Prong**, entre outras. Durante a sua tournée pela Alemanha e Suiça, em março de 1989, entraram em contacto com a editora Nuclear Blast. Após terem assinado o contrato seguiram para a Alemanha, onde gravaram cinco faixas para o excelente, embora com muito má produção, split LP com os **Disharmonic Orchestra**, que foi lançado em junho. Até ao final do ano, os **Pungent Stench** tocaram ao vivo, em grandes festivais, como o Vienna Cultura Fest, ou ainda o festival da Nuclear Blast, com tantas bandas da mesma editora. Entretanto, era lançado um 7" EP, entitulado "Extreme Deformity", com as velhas gravações efectuadas em Inglaterra. No final do ano, voltam a estúdio, onde gravaram o seu primeiro álbum, lançado em abril de 1990, pela Nuclear Blast Records com o nome de "For God Your Soul... For Me Your Flesh", donde saiu o 7" promocional "Blood, Pus and Grastic Juice". Este 7" foi repartido com os **Benediction**. Seguiu-se a este lançamento uma prolongada tournée com os **Master** e **Abomination**, em novembro de 90 pela Europa fora. Ainda que a banda pretenda chocar com a sua extrema e brutal imagem (nas suas letras, arte nas capas dos discos ou fotos), nos seus concertos os **Pungent Stench** são capazes de impressionar e surpreender as suas audiências em qualquer lado com uma atitude humorística e divertida.

Após a tournée voltam a estúdio para gravar o seu 2º LP, "Been Caught Buttering", também editado pela Nuclear Blast Records. Lançado em agosto de 91, e com distribuição da SPV, este sim, foi o álbum que os consagrou na scene trash/grindcore internacional. Este LP apresenta-nos 9 faixas de um excelente grind/death metal rápido e brutal. A este lançamento segue-se mais uma sensacional tournée pela Europa fora.

Mais recentemente, o seu primeiro LP foi remisturado tendo em vista o seu lançamento no mercado norte-americano e a sua reedição na Europa.

Neste momento, a banda encontra-se em tournée (mais uma vez) pelo norte europeu.

Os interessados em adquirir o seu material, podem procurá-lo na Bimotor (em Lisboa, pelo menos), ou então contactar a Nuclear Blast Records, Mittelmuhlgasse 1, 7322 Donzdorf, Alemanha. Os interessados em contactar a banda devem fazê-lo para: **Pungent Stench**, P.O. Box 148, 1043 Vienna, Áustria. Devem mandar um cupão internacional de resposta, caso contrário eles não respondem.

Discografia: "Mocous Secretion" demo
"Pungent Stench / Desharmonic Orchestra" split LP
"For God Your Soul... For Me Your Flesh" LP
"Been Caught Buttering" LP
"Pungent Stencht / Benediction" split 7"
"Extreme Deformity" 7" EP

Miguel Crespo.



Dead Can Dance

É chato gostar de uma banda como os Dead Can Dance. Eles não são originais (afinal, grande parte da sua música tem cerca de 500 anos de idade). Eles não servem para animar festas. Não se consegue engatar ninguém com um álbum deles. Não é uma banda que apetece ouvir sempre. And they don't give a flying fuck to us. Mas numa tarde, de inverno preferencialmente, lembramo-nos daquele álbum guardado na prateleira de cima, junto ao Faith dos Cure e ao Closer dos Joy Divison. E lá estamos nós a recordar como nos agradam aos ouvidos os Dead Can Dance.

Os tipos que usam camisolas dos Sepultura já não estão a ler isto.

Lisa Gerrard e Brendan Perry juntaram-se em 80, em Melbourne, Austrália, sua terra natal, para celebrar o seu período musical favorito. Os 500 anos que compreendem o início da Idade Média até a Renascença.

Passou-se algum tempo até que organizassem estas experiências sonoras. Só em 84 editam pela inglesa 4AD o EP. "Garden of the Arcade Delights". Ivo Watts-Russel, muito agradado com a banda, e aproveitando o êxito crescente dos Cocteau Twins, apressa-se a lançar o primeiro álbum, e ainda neste mesmo ano sai "Dead Can Dance".

Neste registo, os Dead Can Dance mostram uma sonoridade que, apesar de marcadamente em contraste com qualquer coisa que se fazia na época, alinhava no estilo gótico tão em voga. Os DCD ainda não tinham adquirido a maturidade suficiente para levantar a sua música do chão.

Já no ano seguinte, temos "Spleen and Ideal", segundo álbum da banda. Já aqui se nota um maior desenvolvimento do objectivo musical do duo, e especialmente no aproveitamento da voz de Lisa Gerrard, como em "De Profundis", "Circum Radiant Dawn", mas principalmente na belíssima "Mesmerism", esta já bastante próxima de uma sonoridade adoptada por Ivo no seu projecto, os This Mortal Coil. Contudo, nota-se ainda uma certa aproximação à estética pop, principalmente nas canções vocalizadas por Perry, e que não permite à banda aproveitar todo o seu potencial melódico e experimentalista.

Em 87, cometem o seu pior álbum de sempre. Perry consegue se tornar ainda mais irritante, e "Within the Realm of a Dying Sun" só consegue repetir os momentos menos inspirados dos álbum anteriores. Só se salvam dois temas: "Cantara", a primeira aproximação à música tradicional árabe, que nos álbuns seguintes tornar-se-ia uma forte influência; e o cântico religioso de "Sommoning of the Muse".

Os Dead Can Dance já começavam a cansar. A fórmula já tinha sido explorada ao máximo e era preciso mudar a direcção dos esforços do duo.



Em 88, talvez influenciados pelas excelentes colectâneas de vozes búlgaras lançadas pela 4AD, os Dead Can Dance mudam de rumo, mas não de alvo. "The Serpent's Egg" é uma viagem a um mundo imaginário de beleza e comtemplação. É um álbum muito mais 'limpo' de instrumentos que os anteriores, mais leve e mais etéreo. As paisagens pesadas e sombrias próprias do gótico foram atenuadas para dar lugar a melodias mais meditativas e interiorizadas. Nota-se bem esta tendência em "The Host of Seraphim", no exercício vocal de "Orbis de Ignis" e em "The Writing on My Father's Hand". Mas o grande tema do álbum é "Chant of the Paladin", apenas uma frase repetida como um mantra ad infinitum, como que a anunciar a subida da alma humana ao paraíso. Embora mais para o fim do álbum as canções já comecem a destoar deste espírito, este álbum lançou-os a um 'estrelato' na cena indie britânica, e serviu de introdução ao melhor álbum dos Dead Can Dance, que viria a ser editado em 90: "Aion".

"Aion" é uma forma arcaica de 'aeon', que significa idade, e foi exactamente isto que os Dead Can Dance conseguiram eliminar à sua música. Músicas dos séculos 14, 16 e 20 juntam-se perfeitamente, sem saltos ou lapsos perceptíveis. A abrir "The Arrival and the Reunion" e "Saltarello" dizem-nos que os Dead Can Dance estão muito mais abertos a todas as influências que a sua música pode comportar: o cântico religioso católico, a música tradicional árabe e islâmica, os temas gregorianos. Toda esta amálgama é revista, actualizada e exteriorizada com grande acerto e alegria. "The End of Words", "Wilderness", "The Garden of Zephirus" e "Radharc" são os temas onde esta ideia está melhor apresentada. Se juntarmos a isto o facto de Brendan Perry ter aprendido a lição e só cantar em 2 dos 12 temas do álbum, podemos concluir sem dificuldade que será difícil ao duo ultrapassar a grandiosidade e eloquência deste álbum nos seus trabalhos posteriores.

Em 91, confrontada com o longo eclipse que os Dead Can Dance preparavam na sua carreira (só devem aparecer com um álbum de originais para o final de 93), a 4AD lançou uma colectânea com algumas das mais significativas canções construídas nestes anos, e juntou-lhe dois originais: "Bird" e "Spirit". Seria portanto uma boa ideia a quem ainda não foi introduzido à música de Lisa Gerrard e Brendan Perry adquirir "A Passage in Time".



Mas, qualquer que seja o nosso estado de espírito, os Dead Can Dance sempre nos podem recuperar na memória as imagens de grandes igrejas medievais mal-iluminadas, ou da malta toda de camisolas de gola alta pretas no café da esquina.

Alexandre.

DIY = Faça Você Mesmo
Network = Rede
Non-Profit = Sem Lucro

Em 77 o punk apareceu em Inglaterra, embora a história registe os seus antecessores (Stooges, Texas Punk de 69, Ramones, etc.), é somente nesta altura que se cria o sentido de que todos podiam tocar música, o que interessava era pegar nos instrumentos e criar. Foi graças ao punk que nasceram as chamadas editoras independentes.

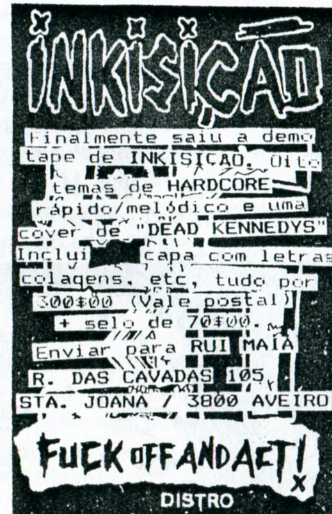
Ao nihilismo barroco das primeiras bandas punk respondem umas poucas com o chamado movimento Anarcho-Punk, o radicalismo político cedo se apodera da música e os anos 80 são marcados pelo nascimento do hardcore e da DIY Network.

Participar na rede significa estar contra a comercialização da música e da arte em geral, os seus princípios gerais são: o internacionalismo; o anti-capitalismo e sua lógica do lucro; pela autonomia e independência dos indivíduos em relação ao sistema buro-tecnocrático social; dar apoio a iniciativas de acção social, ecológicas, etc.

Bandas, editoras/distribuidoras non-profit, fanzines são a face prática deste movimento em que se aliam milhares de pessoas por este mundo fora, dar apoio à rede significa minar o circuito comercial banal e oco; apoiar actividades subversivas de propaganda e agitação por um mundo mais justo e de liberdade individual.

Em Portugal destacam-se as seguintes inicitivas inseridas na rede.

- **Distribuidora Confronto:** Apartado 460, 4400 V.N. Gaia - distribuidora que funciona como um colectivo de fanzineiros, realizadores de programa de rádio, organizadores de concertos, activistas sociais de diversas correntes- o colectivo Crack!. Criada este ano, segundo as suas próprias palavras: "As áreas que pretendemos cobrir com este catálogo são aquelas com que temos mais afinidades e que reconhecemos mais necessidade de divulgação: punk/hardcore na música e anarquismo/situacionismo nas publicações e livros".



- **Editora de K7's Fuck Off And Act:** R. das Cavadas 105, Sta. Joana, 3800 Aveiro. Contacto para a banda Inkisição, futura edição de K7's compilação de punk/HC/trash, o seu responsável colabora no zine Diabo no Corpo desta cidade.

- **Editora/Distribuidora Slime Records / Better World Organization:** Apartado 1789, 1017 Lisboa Codex. Distribuem material punk/hardcore/trash a preços baixos, colaboram em fanzines da região sul, organizam concertos e finalmente uma actividade que destacamos: a edição de discos. Recomenda-se a sua edição nº 2, o 7" Corrosão Caótica - "União e Ocupação".

- **Distribuidora/Fanzine Morte à Censura:** Apartado 75, Torre da Marinha, 2840 Seixal. Um projecto dos mais antigos em Portugal de dentro do movimento (se é que se pode chamar assim) anarcho-punk, o fanzine MAC e sua distribuidora vão subsistindo, distribuição non-profit de punk/HC, agitação e propaganda em formato fanzine e panfletário.

Mais contactos caberiam aqui: moradas de fanzines, de bandas, de grupos ecologistas/acção social, mas estes são aqueles que nos merecem mais atenção pelas actividades até agora desenvolvidas. Para mais informação escrevam para a morada da Confronto e claro, usem os correios (se possível com manha e truques!) para contactarem o resto do pessoal.

Mutante Noé.



NEW TAPES

- DE FABRIEK 'Trabbi-Music' C45
Special package. Mini-Booklet. Colour cover. Limited edition of 50 copies.
- KAPOTTE MUSIEK 'As Smega Bel' C30
Colour cover. Limited edition of 100 copies.
- BRUME 'Apocalypse at 6.A.M.' C60
[redacted]. Limited edition of 100 copies.

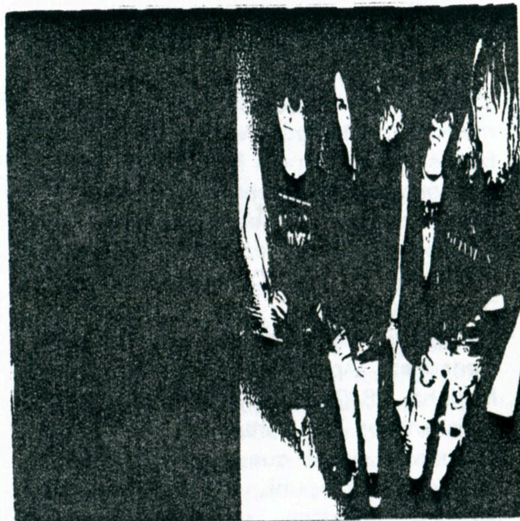
very soon on TFM :

V/A 'Illusions'
Merzbow, Brume, Noise Corporation and more. All tracks exclusive. Comes in a manufactured wood box. Limited edition of 100 copies.
- MERZBOW still untitled
Amazing package. Limited edition.
- NOISE CORPORATION still untitled
A collection of all the tapes released by this very interesting electronic band. All kinds of noisy tracks. Comes in a big acrilic box.



APARTADO 113 2806 ALMADA CODEX PORTUGAL

Mudhoney



Parece de algum modo inacreditável que uma banda exista apenas para poder passar o tempo, editando um disco ou outro, dando alguns concertos e até mesmo entrevistas, mas nunca para se tornar megaconhecida ou vender muito... qual a ideia de editar um LP na Sub Pop se não se pretende vender mais de 500 cópias? Os Mudhoney são assim. Agora estão ainda mais em foco porque não editam mais por aquela editora de Seattle, mas alistaram-se na multinacional Warner Brothers... afinal como é isso de 500 cópias? O que é certo é que continuam convencidos de que não farão sucesso, muito menos algo parecido com o que aconteceu aos colegas Nirvana, uma vez que é isto que a nova editora espera: pelas palavras de Steve turner, guitarrista da banda: "It's not gonna happen! That's a hipothetical question that's not gonna need to be answered. People at Warners might be hopping it's gonna happen but it's not!".

Em junho de 87 os Green river (a primeira banda da Sub Pop, por isso a primeira a concretizar o movimento Seattle) editam o EP "Dry as a Bone". São uma banda suja, feita de gente ansiosa por se divertir fazendo um rock muito tradicional, mas sempre bem aceite.

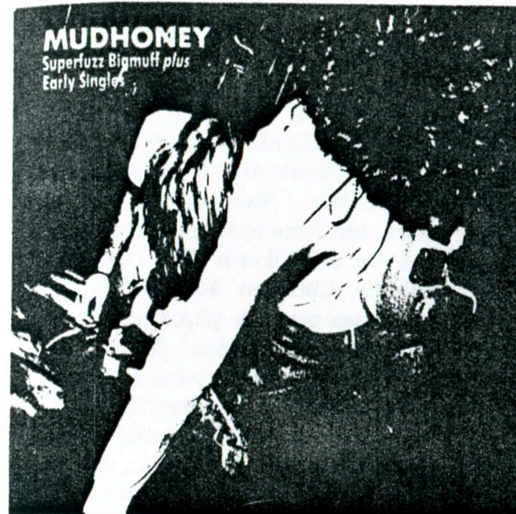
Destacam as guitarras sem exageros e a voz feroz, ligeiramente desafinada (propositadamente). De "Dry as a Bone" (que contém 5 temas) ficam como obras inesquecíveis influenciadoras de todo o som Seattle as faixas "This Town" e "Baby Takes".

Em junho de 88 é lançado o LP "Rehab Doll", onde a banda conserva a sua atitude puramente rock'n'roll e trazem mais algumas pérolas aos ouvidos mais atentos como "Swallow my Pride", "Porkfist", "Take a Dive" e a belíssima balada (que acaba numa zoeira) "One More Stich", a provar do que são feitos hoje em dia os Nirvana: nada mais do que uma continuação do som Green River.

Viria a ser editado ainda um CD que agrupava "Dry as a Bone" mais 8 temas de Rehab Doll e ainda mais 3 faixas: "Searchin'" (inédito), "Ain't Nothing to do" (anteriormente presente no 7" "Together We'll Never") e "Queen Bitch" (já presente na versão K7 de "Rehab Doll"), sendo esta última um original de David Bowie, mais tarde também gravado pelos Swallow.

A carreira dos Green River foi curta e assim que findou os seus elementos fundiram-se noutras bandas, como foi o feliz caso de Mark Arm, insurrecto vocalista que reapareceu em excelente condição numa nova banda que levaria o nome de Mudhoney.

Mark Arm na voz e guitarra, Steve Turner na guitarra, Matt Lukin no baixo e Dan Peters na bateria começam a ensaiar, quando os Green River ainda mal haviam acabado.



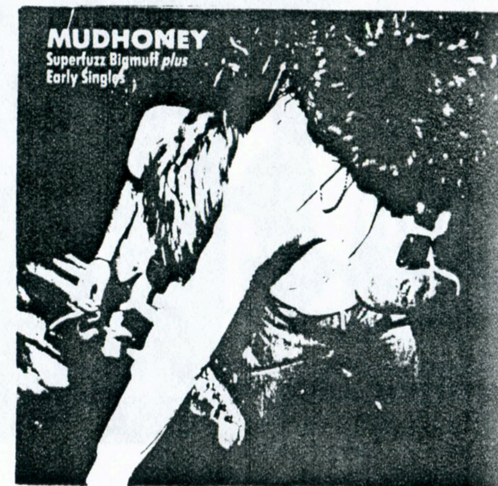
Em agosto de 88 a Sub Pop lança aquele que é o seu tema mais aclamado num 7", "Touch Me I'm Sick", que no seu lado B levava "Sweet Young Thing Ain't Sweet No More". O primeiro é um combate entre a voz e a guitarra, sem nunca levar o ruído a extremos, mas a deixar uma incrível sensação de doença, de demência ('touch me I'm sick, fuck me I'm sick'). O segundo é um tema de menor beleza que usa de certa melancolia no relato (satisfeito?!!) da desgraça duma mãe e seu filho.

Ainda em 88 é lançado o EP "Superfuzz Bigmuff", que conta com 6 temas. A qualidade transborda. "Touch Me I'm Sick" foi apenas uma pequena amostra daquilo que os Mudhoney eram capazes de fazer. Desde o primeiro "No one has" até ao último "Mudride", este disco é uma alucinante viagem à fidelidade ao velho e bom rock'n'roll. Qual Manchester qual quê! Em 88 bom foi ouvir o que em Seattle estava a aparecer. "In'n'out of Grace" foi a faixa eleita pela maior parte da crítica como melhor tema deste EP, mas eu prefiro nunca preterir "If I Think". Só ouvido. As guitarras com muito wah-wah, muita percussão, muita loucura e liberdade. Dá até vontade de vestir uma daquelas camisolas hippies e gritar o 'flower power'. Fabuloso.

Em janeiro de 89, a Sub Pop edita um 7" de edição limitada a 3000 cópias, que exibe num dos lados o tema "Touch Me I'm Sick" segundo os Sonic Youth e no outro "Halloween", tema destes novaiorquinos segundo os Mudhoney. O resultado é de algum modo desfavorável à banda de Seattle, porque se por um lado a versão dos Sonic tem muito mais força e energia em relação ao original, por outro lado o original de "Halloween" é bem superior à arrastada, insossa, melancólica versão que os Mudhoney fizeram.

Ainda antes de ser editado o primeiro e tão esperado LP do grupo são postos à venda dois 7", "You Got It / Burn it Clean" e "This Gift / Baby Help Me Forget". Os dois primeiros temas de cada disco viriam a ser incluídos no LP. Chamado simplesmente "Mudhoney", o primeiro 33 rotações é o melhor registo da banda, onde, embora se dê uma continuação perfeita ao trabalho já desenvolvido, se aperfeiçoam conceitos, se adquire uma verdadeira afirmação no plano musical não só americano como internacional. Este disco levou a cena independente inglesa a vergar-se pela primeira vez a uma banda de Seattle.

São 12 temas para a vitória. Que o diga "Flat Out Fucked", uma das melhores corridas rock que alguma vez se fez. As guitarras estão muito bem casadas e a voz eléctrica, o trabalho de percussão do senhor Dan Peters é merecedor dum Nobel...



Outros temas se destacam, como "This Gift", "Here Comes Sickness", "The Farther I Go", "Dead Love", mas especialmente o instrumental "Magnolia Caboose Babyshit", com cerca de 1 minuto que nos tortura, por ser tão pequeno e termos de estar a puxar constantemente a agulha para trás. É divino.

Neste disco está presente também o tema "When Tomorrow Hits", que mais tarde viria a ter uma nova versão pelos Spacemen 3, incluída no LP "Recurring", de 91. E a verdade é que a interpretação destes é superior (bem superior) à original.

Mais um EP em 90, "Boiled Beef and Rotting Teeth", e um 7" com "Thorn", "You're Gone" e "You Make Me Die". A onda é a mesma. O som não é tocado, sendo de notar que "Thorn" é o tema mais pesado, até a data, dos Mudhoney, onde a voz é gravada ligeiramente mais baixa para que as guitarras rompam os nossos ouvidos com muito mais raiva. Excelente.

Ainda em 90, Mark Arm, sob o nome de (Freewhellin') Mark Arm, lança a solo o 7" "Masters of War / My Life With Ricketts" (que ainda não tive a oportunidade de ouvir).

91 vê sair o 7" "Let it Slide / Ounce of Deception / Checkout Time". Nunca os Mudhoney estiveram tão pop. Continuariam nesse caminho, uma vez que este 7" pretendia mostrar e abrir a porta ao novo LP a ser lançado em julho. "Let it Slide" é extremamante descartável. É certo que não se afasta do estilo do grupo, nem os envergonha, mas é construído dum modo muito pró-comercial que não era habitual. Já "Checkout Time" é a rainha das baladas. Algo fabuloso onde, aliado às guitarras está um simples mas eficientérrimo som de órgão.



"Every Good Boy Deserves Fudge" é o nome do novo LP. 14 temas onde se incluem "Thorn", "Let it Slide" e "Checkout Time". O som está visivelmente mais pop, a própria apresentação gráfica do disco denota uma saúde muito típica dos discos mais comerciais. Mas nem tudo estava perdido, no geral este 33 é uma obra óptima. "Into the Drink" é péssimo, mas nenhum outro tema chega a estes extremos. Lindo é "Fuzz Gun '91", similar à "Magnolia Caboose Babyshit". Mais uma correria fabulosa pelos campos da distorção e desta vez com cerca de 2 minutos (mais 1 graças a Deus).Também "Generation Genocide", o tema de abertura se identifica um pouco com "Fuzz Gun '91", primeiro pela sua duração curta e segundo por ser também instrumental e terceiro porque nos dá aquela mesma sensação de evolução, andamento, correria. A grande diferença é que neste genocídio da geração prima o som do órgão.

Outros temas são mais alegres, como "Good Enough", "Something So Clear", "Who You Drivin' Now?", mais tristes (mais estonteantemente belíssimas baladas), como "Broken Hands", mais fortes, como "Thorn", "Shoot the Moon", "Pookin' Around" (onde se engata divinamente uma harmónica, fazendo deste tema um dos melhores do álbum).

"Every Good Boy Deserves Fudge" recebeu excelentes críticas, a maioria delas considerando-o o melhor registo dos Mudhoney. O sucesso começava a tornar-se inevitável e, enquanto os seus discos eram todos reeditados na Europa, a Sub Pop lançava mais um 7" (desta vez promocional) com o tema "Into the Drink", para tentar fazer aquilo a que os Mudhoney sempre sempre se mostraram indiferentes: torná-los famosos. Mas a fama deles ainda é relativa, e se bem que no plano independente sejam sobejamente conhecidos, à escala global são ignorados.

A edição, na Europa, do EP "Plays Hate the Police", torna-os uma das maiores apostas indies do momento. O tema "Hate The Police" é já antigo e havia sido incluído no CD de "Superfuzz Bigmuff" que, como bónus, agrupava alguns 'Early Singles' como "Touch Me I'm Sick" e "You Got It". É um tema crú, discretamente feroz que retrata a história de um rapaz extremamente zangado. De notar o espectacular (extremamente descontraído) trabalho vocal de Mark Arm.

Mais recentemente, "You Stupid Asshole", 7" editado pela européia Fabulous Empty levou-os ao 1º lugar da tabela indie inglesa, provando que a aposta da Warner Brothers não é assim tão arriscada...

Valter Hugo.

